



{ um livro de
stefano **volp**

homens pretos (não) choram

crônicas quarentênicas sobre
masculinidade e negritude



homens pretos
(não) choram



homens pre (não) choram

um livro de Stefano Volp

1ª edição
2020

Copyright © 2020 Stefano Vólpi
Todos os Direitos Reservados.
Capa e ilustrações Rawpixel Ltd. Todas as imagens utilizadas
estão sob domínio público.

Edição
Stefano Vólpi

Preparação
Amanda Schneider

Revisão
Lorrane Fortunato

Capa e Projeto Gráfico
Editora Escureceu

Impressão
Letras & Versos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

V931
Vólpi, Stefano
Homens Pretos (Não) Choram / Stefano Vólpi. - Rio de Janeiro, RJ 168p.

Esta obra é uma produção independente.
Copyright [2020] by Stefano Vólpi
Todos os direitos desta edição reservados ao autor da obra.

ISBN: 978-65-5909-024-2

1. Ficção brasileira I. Título.
CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático
1. Ficção : Literatura Brasileira 869.93

Este livro foi idealizado e escrito durante um período de isolamento social por conta de uma pandemia global.

Resolvi chamar estas crônicas de quarentênicas porque quero me lembrar que, mesmo em meio ao mais profundo caos, é possível florescer.

Dedico este livro aos apoiadores do financiamento desta obra e àqueles que se foram durante a pandemia no ano de 2020.

1. [Introdução](#)
2. [Seco](#)
3. [Meia-noite](#)
4. [Bilola](#)
5. [Barba](#)
6. [Dona Tagarela](#)
7. [Sabonete](#)
8. [Pio](#)
9. [Agradecimentos](#)
10. [Agradecimentos especiais](#)



Introdução

Por Sérgio Motta

Meu pai, um homem negro de pele escura, nasceu no interior da Bahia em 1943. Foi criado entre oito irmãos, também negros, em uma cidadezinha do interior chamada Monte Santo. Seu nome, Joaquim Gaudêncio da Motta.

Monte Santo não tem esse nome à toa. No alto do monte da cidade, fica o Santuário da Santa Cruz e a Romaria de Todos os Santos. Fiéis sobem o monte para agradecer e fazer pedidos e esse é o único grande evento que a cidade recebe. Meu pai não teve escolaridade alguma, era analfabeto, mas sabia “de cor e salteado”, como ele mesmo dizia, todas as rezas católicas.

Meu pai, negro de pele escura, foi criado para enxergar o mundo como um branco. Tradições católicas enraizadas, nomes europeus, filho de uma Maria — também negra, também de pele escura. “Macumba é coisa do diabo”, ele dizia.

Joaquim veio para São Paulo em busca de mais oportunidades, passou pelos diversos setores que o operariado permite, mas acabou deixando, ainda jovem, as experiências que acumulou, para ajudar o irmão mais novo, que tinha acabado de abrir o próprio negócio: um boteco em Diadema. Por mais de trinta anos, meu pai trabalhou para o próprio irmão por um salário mínimo.

Com apenas três folgas por ano – Natal, Ano novo e Sexta-feira Santa –, ele agradecia, mais uma vez, ao catolicismo em sua vida, que o permitia descansar no nascimento e na morte de Jesus Cristo e no início do ciclo determinado pelo papa Gregório XIII. Ele acordava sempre às 4h20 da manhã, saía de casa às 5h, pegava o primeiro ônibus às 5h10 e o segundo às 5h35. Às 6h25 chegava no bar para lavar o chão, a louça, limpar o balcão, as mesas e fazer o café. Às 7h, erguia a porta. Só saía às 18h quando meu tio assumia o bar até fechar.

Eu nasci em São Paulo, em 1993. No final dos anos 90 e início dos 2000, em alguns fins de semana ou durante as férias, eu acordava às 4h20 para passar o dia com ele no bar. Um dia, após pagar, um freguês disse: “Falou, negão!”. Quando ele saiu, outro chamou meu pai e perguntou: “Quinquinha, não te incomoda que te chamem de negão?”. Meu pai respondeu: “Vou achar ruim se me chamar de alemão”.

Negro de pele escura, meu pai sabia a cor de sua pele, mas ele não sabia que, por ser negro, não adiantava moldar sua vida em uma cela imposta pelos brancos, pois ele nunca sairia dali.

Não importava quantas vezes meu pai rezasse o Pai Nosso, ao trabalhar de domingo a domingo, doze horas por dia, por um salário mínimo, ele estava muito mais longe dos brancos do que imaginava. Não pelo trabalho em

condições precárias, análogo à escravidão, mas porque meu pai se submeteu a isso por acreditar no sonho do irmão mais novo e porque vê-lo ter sucesso o deixaria feliz.

Eu cresci no Jardim Miriam, periferia da Zona Sul de São Paulo, divisa com Diadema, sem saber que era um homem negro. Nasci filho de um pai negro de pele escura de cinquenta anos com uma mãe branca de trinta e sete. Minhas irmãs tinham treze e dezesseis anos de idade. Quando eu tinha dois anos, todos, exceto eu, trabalhavam fora. Minha irmã mais nova, trabalhava menos horas e cuidava de mim após a escolinha. Eu era um filho com duas irmãs dos mesmos pais e duas mães, sendo que uma delas tinha treze anos de idade.

Não cresci sozinho, é claro, mas eu estava entre dois amigos que não convergiam entre si. O único ponto em comum era minha amizade. Esses amigos, a relação entre nossas famílias e minha rua, de forma geral, formavam uma metáfora social precisa que me deixava cada vez mais confuso sobre minha identidade.

Explico: a rua era um aclive bem longo e eu morava na casa 405, exatamente no meio. Quanto mais para baixo fosse, mais o metro quadrado desvalorizava, mais se mostravam os barracos de tijolos expostos, as escadas tortas, os portões de latão enferrujados. Lá era onde morava meu amigo negro de pele escura, filho de pais pretos de pele escura com duas irmãs pretas também de pele escura. Quanto mais para cima fosse, mais se aproximava dos sobrados com garagem e carpete, dos comércios do bairro, dos pontos onde passavam ônibus que iam para os grandes terminais e para as estações de metrô, para onde o futuro estava. Lá morava meu amigo branco, loiro de olhos azuis, pai alemão, mecânico de aeronaves que trabalhava para uma grande companhia aérea, mãe sulista descendente de holandeses e portugueses.

Já eu, com quatro pessoas trabalhando em casa, ainda que ganhando pouco, tinha uma somatória que me possibilitava morar à meia altura dessa rua.

A mãe do meu amigo negro era doméstica; o pai, pedreiro. Ambos, em algumas ocasiões, trabalharam na minha casa, contratados pela minha mãe branca. Minha mãe branca, por outro lado, como cabeleireira, prestava serviços para a família de meu amigo branco.

Eu passei a maior parte da minha vida não me enxergando como negro. Negro era meu pai, que era negão – e não alemão. Negro era meu amigo, que era Silva, não Motta como eu, e tinha menos acessos e oportunidades que eu. Branca era minha mãe, que podia contratar os pais do meu amigo negro para trabalhar em casa. Branco era meu amigo que tinha pai alemão – e não negão – e estudava em escola particular.

Quem era eu?

Confesso que convivia mais com meu amigo branco do que com o negro. Da mesma forma, minha mãe branca nutria uma relação muito mais próxima com a mãe branca do meu amigo branco do que com a mãe negra do meu amigo negro. Era normal frequentar a casa uma da outra ou passar horas conversando no telefone. Na minha concepção, uma relação de amizade, como a que eu tinha com ambos os garotos.

Lembro quando, um dia, eu estava na rua com a mãe branca do meu amigo branco e a questionaram, com um estranhamento nítido, se ela era minha mãe. Eu mesmo expliquei: “Ela é amiga da minha mãe”. Ela, então, corrigiu: “Na verdade, a mãe dele é minha cabeleireira”.

Lembro também que minha mãe branca, quando eu estava com meu amigo negro, incumbia-o de cuidar de mim, como um trabalho, enquanto isso nunca aconteceu com meu amigo branco, com o irmão mais velho dele ou sequer a mãe dele. Percebo hoje a problemática disso, mas ainda bem que ela o fez. Ainda que eu convivesse menos com ele, quando eu precisava, quem estava era meu amigo negro de pele escura. Ele dizia: “O que você precisar, tamo junto, mano” e completava: “É nós!”.

“É nós!”

Quem estava lá para me abraçar, sem vergonha ou hesitação, para mostrar que estava comigo, era meu amigo negro. Inclusive, quando meu pai se foi. Como Emicida, ele sabia que “Tudo que nós tem, é nós”. E é sabendo que eu sou porque somos que sei o que sou.

A relação da família do meu amigo branco com a minha resumia-se em conveniência. O mesmo acontecia com minha mãe branca em relação à família do meu amigo negro, mas entre mim e ele, era nós. E só é nós, porque, entre nós, nós fortalece os sonhos e objetivos um do outro. Nós recupera tudo aquilo que tentaram tirar da gente: nossos valores; nossas religiões; nossas famílias; nossos traços; nossos nomes.

Nós precisa se sacrificar muito mais, é verdade. É preciso andar muito mais, encarando uma subida íngreme e cansativa, para chegar nos comércios e pontos de ônibus que levam para as oportunidades, para as possibilidades de futuro. É pelo “nós” que, mesmo vivendo em um país que nos violenta e nos mata todos os dias, ainda somos maioria.

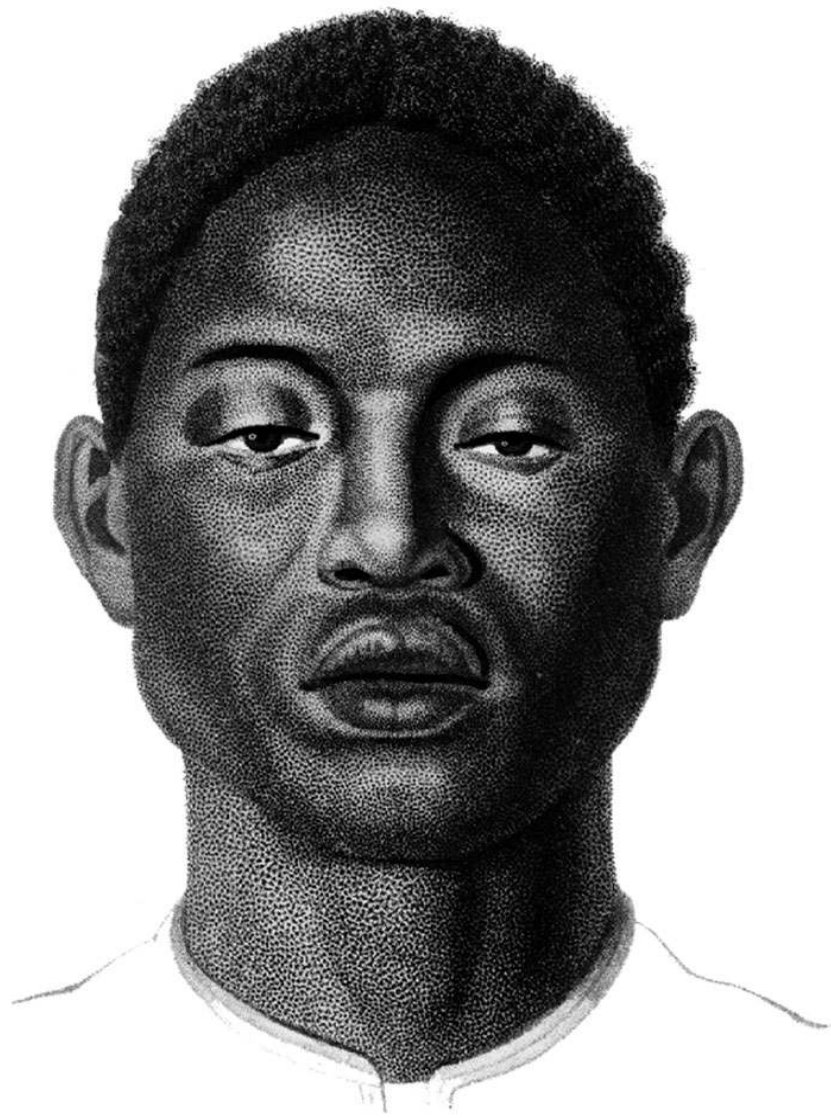
Nas próximas páginas de Homens Pretos (não) Choram, você encontrará, em crônicas, as mais tênues linhas sobre vivências de homens negros. Vivências essas violentadas direta e indiretamente, sufocadas por uma sociedade branca, para que se adaptem a ela... e se adaptem em vão, pois elas não nos aceitarão.

A força deste livro não está, no entanto, na melancolia ou na sensibilidade com que Vólz aborda essas questões. Não está em uma frase, um personagem ou uma crônica. Está no coletivo, no todo, na união, na re-união, no abraço, na crença, em tudo, em nós. Homens Pretos (não) Choram é nós. Nele, leio meu pai, leio meu amigo, leio a mim. Lembro-me da primeira vez em que vi meu pai chorar pelo irmão. Lembro-me de quando chorei pelo meu pai. Lembro-me de quando meu amigo chorou comigo. Lembro, também, de todos os sorrisos que compartilhamos. Este livro é ubuntu. É, porque somos. Essa é a mensagem mais poderosa que Vólz poderia nos passar.

Desejo a todos uma boa leitura, e, com orgulho de poder escrever este prefácio, mando um salve para Stefano Vólz. O que precisar, támo junto, mano.

É nós!





seco

Os dedos de Heleno agarraram a pia em desespero. Enrugados, pretos e trêmulos, aqueles dedos tinham mais de setenta anos. As mãos que bateram continência por tantas vezes, agora, sentiam a vida perpassá-las. As pálpebras fechadas. O assomo de dor esticando-se por dentro do corpo por longos segundos. Então, o alívio.

De pouquinho em pouquinho, Heleno recobrou os sentidos. A morte ainda não o tinha encontrado. Contudo ela permanecia à espreita, brincando de esconde-esconde em algum canto do antigo lar.

Heleno sempre gostara de manter tudo sob controle. Só voltou a olhar para o reflexo no espelho quando dominou a respiração novamente. Foi preciso coragem para encarar a própria carcaça envelhecida. Não a coragem que sempre dissera ter na vida. Uma outra, menos brutal. Uma que combinasse com sua aparência oca e fadada às loucuras do fim da vida.

Os dedos passaram da pia para o armário e recolheram todos os vidros marrons lotados de comprimidos. Heleno enfiou-os na lixeira. Foda-se. Tinha chegado no fim. Não queria mais saber de soluções humanas para impedir reações naturais.

Heleno era bom em brincar de esconde-esconde, tanto em se esconder quanto em perseguir. No pique e na vida, ninguém poderia enganá-lo. A morte? Escondida em silêncio debaixo da pia da cozinha, ficaria ali até que coisas mais urgentes fossem acertadas.

Os raios de sol entravam pela janela do quarto, reluzindo nas medalhas penduradas e nos porta-retratos sobre a escrivaninha de mais de cinquenta anos. Cada elemento do pequeno cômodo em seu devido lugar, tudo milimetricamente arrumado. Ali, Heleno preparou papel e caneta e, finalmente, escreveu o primeiro rascunho do testamento.

Riscou tudo no meio do caminho. Virou uma bola de papel. Outra tentativa. Não. Outra e mais dezenas de outras até a sensação de satisfação. Ainda assim, ficou em dúvida antes de assinar e terminar a tarefa adiada por tantos anos. Percorria a folha com a tinta da caneta pela última vez. Nunca mais repetiria tal gesto. Finalizar a carta com seu nome simbolizava uma despedida da vida. Pelo menos tinha alguém para repassar suas conquistas táteis, mas e as da alma? Quem poderia nomeá-las? O que levaria para o outro lado? Quão frustrante tudo parecia!

Atravessar o portal da morte, deixando um corpo gasto e desprovido de um sentimento que valesse a pena. Queria lágrimas silenciosas. Um riscado molhado no rosto. Uma emoção. Um pingo, ao menos.

Angustiado, Heleno deslizou pelo rosto os dedos gastos. *Até um manequim é feito de alguma coisa por dentro*, pensou. Eco. Vácuo. *E eu? De que sou feito?* Longe do mundo, o velho quis chorar pela falta de respostas, mas, além de não saber como fazê-lo, não se lembrava de um único dia em que tivesse chorado.

Transferiu o peso do corpo para a cama de casal. Discou o número no celular. Tamborilou os dedos sobre o lençol. O telefone chamou, mas ninguém atendeu. Já estava prestes a desistir quando...

— Pai?

A voz do filho parecia um resgate para sua alma seca e destinada à soliditude.

— Ah. Oi, filho. Tá no trabalho?

— Tô... mas tudo bem. Aconteceu alguma coisa? — perguntou o filho preocupado.

Heleno bem quis dizer, mas as palavras soariam de forma incabível. *Melhor não*.

— Negativo. Ó, eu te ligo depois, pra não incomodar.

— Não. Pera, segura aí.

Heleno saboreou a preocupação do filho, enquanto aguardou-o retornar. Nem percebeu que os dedos se fechavam com força e repuxavam o lençol da cama.

— Pronto. Pode falar, pai. Aconteceu o quê?

— Eu não sei se eu vou saber falar.

Um silêncio tenso dominou-os. Heleno confiou que o filho o fizesse desistir daquele vexame, mas...

— Ué, tenta. O senhor já fez o milagre de ligar.

Heleno suspirou. Molhou a garganta com saliva. Repassou as palavras em mente.

— Eu vou perguntar uma coisa, mas, se parecer bisonho, você releva. A carcaça tá velha.

— Ahn. O senhor tá tomando os remédios?

— Ô filho, você se lembra de alguma vez que o teu pai se apresentou de... digamos de uma forma mais... expressiva?

O filho emudeceu. O pai em uma batalha secreta para encontrar as palavras.

— Como assim, pai?

— Vocês sabem que eu não sou muito de sensibilidade.

— Sei, mas e aí?

O velho balbuciou para reformular a pergunta, mas continuar parecia uma tarefa impossível até o momento em que ele se cansou, fechou os olhos e deixou a pergunta escapar:

— Quando foi a última vez que você me viu chorar?

Por que o filho fazia tantos silêncios?

— Pai, aconteceu alguma coisa?

— Aconteceu. Aconteceu que eu não sinto nada. Às vezes, eu acho que eu queria conseguir chorar, sabe? — Heleno não podia explicar o quão mais leve ficou depois de falar. Um peso desprendido das costas. Podia continuar. — Eu achava que podia ficar mais tocado quando estivesse pra bater as botas. Mas nem isso.

— Que bater as botas, pai? Que história é essa?

Heleno suspirou entediado. O filho não entendia que a morte se escondia debaixo da pia da cozinha. Não era uma inimiga.

— O testamento. O maldito testamento que a Evelyn tanto insistiu pra eu escrever. Balançou a cabeça em desistência.

— É bisonhice, isso. Deixa. Toca o barco aí. Eu falei, tô velho.

— Pai – chamou o filho.

A palavra dita era capaz de ressuscitar Heleno. Ser pai, a única remanescente.

— O senhor não é de chorar, mas a gente também não conviveu tão perto. Eu não lembro.

— Mas e naquelas férias de Arraial quando você se perdeu da gente? Lembra? A gente achou que ia perder você, o único filho macho.

Do outro lado da linha, André sorriu meio constrangido.

— Pai, naquele dia, quem chorou fui eu, de tanto que o senhor me bateu.

Silêncio por um tempo.

Heleno não se lembrava disso.

— Negativo. Eu nunca levantei a mão pra bater em vocês.

Mais uma vez, André sorriu constrangido. O tom de voz se amansou, como quem não quer discutir com um velho próximo da partida.

— Por que o senhor não viu isso com a Evelyn primeiro? Ela vai saber melhor do que eu. É melhor eu voltar aqui.

— Não, deixa. Eu acho que nem a sua mãe ia lembrar disso.

— Tá um pouco tarde pra minha mãe dizer, né?

Heleno sentiu a garganta secar. Deixou os dedos escorregarem pela cama no lado em que sua mulher costumava deitar-se. Perdeu a noção do tempo.

— Eu vou lá. Depois eu te ligo.

— E... você? — a pergunta escapou pelos lábios de Heleno. — Você se lembra da última vez que chorou?

O filho sorriu. Um riso diferente. Puxara aquilo da mãe. Heleno não sabia fazer daquela forma.

— Sim. É um pouco idiota. Foi vendo o Luquinhas chorar vendo *Frozen*. Ele já tá entendendo as coisas, mas ainda é tão bebê.

Silêncio outra vez. Um bolo se avolumando na garganta do pai.

— E como que é?

— Chorar? — perguntou o filho em um misto de preocupação e pena. — Agora é tarde, pai. Não dá pra explicar. Você nunca vai saber.

Podia ser bem naquele momento. Um vislumbre de emoção chegou a perpassar Heleno, mas ele não soube como lidar com a sensibilidade e o vislumbre voou pela janela do quarto, desfazendo-se no ar.

— Bom trabalho, filho.

Heleno desligou o celular, observando os sentimentos pela janela. Teve a ideia de arrastar-se até o espelho do banheiro outra vez. Não para recuperar os remédios, mas para testar. Isso. Testar máscaras. Encarou a própria face preta e pálida. Puxou os lábios e sorriu. Repuxou as bochechas em caretas. Desenhou um beijo de choro nos lábios. *Sentido!* Enrugou a testa. *Cara de homem!* De repente, nada mais fazia sentido e ele voltou para a máscara já natural às suas feições: a da apatia.

Mesmo assim, fez panquecas. Distribuiu quatro pratos e copos pela mesa. Ainda deu tempo de fazer uma jarra de suco de acerola até a campainha tocar. Animado, Heleno deu um trote de militar aposentado e abriu a porta para a visita.

— A benção, pai — pediu Evelyn, uma mulher negra, espaçosa, de peruca na cabeça, blusa roxa e fala rápida.

— Ué? Cadê os gêmeos?

Evelyn beijou a testa do pai e entrou agitada.

— O Rodrigo levou os dois no médico. Até doença eles resolveram ter juntos agora, ao mesmo tempo. Conjuntivite — disse Evelyn esbaforida.

A filha caminhou até cozinha e notou todo o trabalho do pai para um café da manhã daqueles.

— Ah, você fez panquecas? Eles iam amar.

Heleno, com o peito cheio de saudades dos netos, notou a surpresa melancólica nos olhos da filha.

— O Rodrigo traz os dois pra cá depois da consulta — sugeriu Heleno. — Tá todo mundo de férias.

— Pai, conjuntivite é uma doença contagiosa. O senhor quer mais um problema de saúde?

— Eu? Eu vou morrer a qualquer minuto, Evelyn.

Não olhe muito pra direção da pia, pensou.

Evelyn sentou-se em uma das cadeiras e deu três soquinhos na mesa que nem de madeira era.

— Muito engraçado, senhor Heleno — disse, irônica. — Tá tomando os remédios?

Heleno não responderia aquela pergunta chata. Escolheu a cadeira oposta à da filha. Um de frente para o outro.

— Terminei o testamento.

— Ah, sério? Que bom, pai. Quer dizer, um momento chato, né?

— Foi fácil. Acho que eu deixei pra vocês o que cada um queria.

— Contanto que eu não fique com a fazendinha, tá tudo certo.

As mãos de Evelyn correram à jarra de suco e depositaram alguns goles no copo, mas, quando notou o que havia no olhar do pai, ela se desconsertou e acabou sujando a mesa.

— O quê? O senhor... ah, não, pai! Não é possível!

— Você adorava brincar na fazendinha quando era menina, Evelyn.

— Pai, isso tem séculos! — ralhava exaltada. — Eu odeio aquela fazenda. Os meninos não vão pra lá de jeito nenhum! Por que o senhor não fez como minha mãe falou?

— Eu achava que a fazenda seria boa pra sua família, filha.

Evelyn parecia não acreditar. Prestes a explodir de vez, alguma coisa a fez travar. Ocupou a boca com o copo de suco. Bebeu tudo. Usou guardanapos para limpar a sujeira da mesa. Quando voltou a falar, respirava com mais calma.

— Pai, se o senhor dividir, como minha mãe falou mil vezes, vai ser melhor pra todo mundo, ok? Ela conhecia a gente.

Heleno assentiu.

— Eu já não lembro direito.

— Eu posso ajudar o senhor.

— Queria que você me ajudasse com outra coisa, filha.

Ah, pronto.

Tudo de novo. *Não. Dessa vez serei direto.*

— Você acha que tem algum problema em homens que choram?

— Ué. Como assim, pai?

Evelyn encarou-o como se tentasse desvendar de qual galáxia tinha vindo aquela pergunta.

Ele continuou:

— Às vezes, eu acho que nunca chorei. Em toda a minha vida. Eu juro que eu não lembro de nenhum dia.

A pergunta caiu na cozinha como um difusor de incômodos. Os dois embarcaram em um silêncio desconfortável. O barco de Evelyn devia estar furado, porque os olhos dela logo ficaram marejados.

— Naquele dia, eu achei que o senhor ia chorar. As nuvens cinzas, a grama molhada, o jeito que ela sorria mesmo morta. O cheiro da saudade. Se o senhor não chorou no enterro dela... se nem o remorso faz o senhor chorar...

— Sua mãe adorava falar de perdão, mas ela nunca me perdoou — defendeu-se como podia. — Ela me largou, me abandonou. Você queria que eu chorasse?

A filha respirou com calma.

— Minha mãe não abandonou o senhor, pai. Foi o senhor que se prendeu aí dentro, que se abandonou.

As duas últimas frases de Evelyn repetiram-se como um eco perturbador aos ouvidos de Heleno. Acusavam-no. Revelavam-no. Sufocavam-no.

Evelyn não demorou para ir embora. Quase nunca aparecia e não ficava por muito tempo, ainda mais se desacompanhada dos gêmeos.

Heleno aproveitou a amizade com o silêncio para cobrir o chão do quarto com fotos e cartas, mas foi uma tarde muito longa, porque cada foto antiga contava uma história diferente e ele fazia questão de se lembrar do que podia. Queria tanto achar as próprias lágrimas perdidas entre as caixas, boletins escolares, saudades...

Quando a tarde caiu, Heleno começou a cantarolar *Está Difícil Esquecer*, do falecido Tim Maia. Era uma das poucas músicas de que gostava.

*Não foi nada em vão
Não foi nada sem querer
E é por isso, irmão
Está difícil de esquecer!*

Enquanto cantava, Heleno bailava com a esposa uma última vez, relembrando um dos dias mais memoráveis. Ana usava o mesmo vestido florido que ele, agora, prensava no corpo, na tentativa de trazê-la de volta.

*Amei sem razão
Amei, de verdade
Perdi sua mão
Perdeu, que saudade!*

Desengonçado que só, Heleno dançou com as solas dos pés sobre as memórias de sua vida espalhadas nos tacos do quarto. Depois, recolheu da sala as taças e do quarto as medalhas, os certificados, a farda militar. Enfiou tudo em uma grande caixa com uma despedida carregada de culpa.

*A marca ficou, ficou
Bem marcada
A vida virou, virou
Maltratada*

Encheu uma taça de vinho. Bebeu. Arriscou novos passos de dança mesmo sem levar jeito.

*Minha vida agora é tão vazia
E ruim
Não faça ao outro o que você fez
Pra mim!*

Então uma faca reluziu sobre a pia da cozinha e as palavras da canção desapareceram. Heleno obedeceu ao chamado. Pôs sobre a bancada de mármore uma tábua de madeira e apoiou nela uma cebola. Hesitante, deferiu o primeiro corte.

Aguardou.

O segundo corte sobre a cebola foi quase gentil.

Esperou.

Os olhos arregalados, mas ainda sem sentir.

Mais um corte.

Seria ali, a qualquer momento. Elas viriam.

Ele sabia.

Aguardou, mas... nada.

Então, era um otário. Um velho otário.

O filho tinha razão, ele nunca saberia.

Mas voltou a cortar a cebola. Cortou outra vez. Mais uma.

A cebola reclamou dos golpes cada vez mais fortes e descuidados.

Os olhos angustiados do homem transformando-se em nuvens de desespero. Ódio. Cortou. Cortou a pele. Cortou os dedos. Um pequeno jato escarlate esguichou em seu rosto.

Calou a dor. Cortou. Cortou em golpes intensos e repetidos até picotar toda a mão.

A faca caiu.

Perto dos olhos, respingos de sangue escorreram feito lágrimas.

O mais perto que ele poderia chegar.

1,2,3, Heleno.

Então, a morte saiu debaixo da pia da cozinha e descolou a alma do corpo sobre uma poça de sangue.

Não seque por dentro.



meia-noite

Faltavam cinco minutos para a meia-noite quando Uba arrastou o corpo pela cama e resolveu se sentar. O companheiro sonolento sorriu sem se importar. Apenas rolou para lhe dar as costas e afundar no sono de novo. Uba não se importou com o gesto. A ansiedade do dia mais feliz de agosto fazia cócegas em seu peito. O coração batucava em descompasso com o silêncio da casa. A qualquer momento...

Foi quando a memória o arrastou para a escuridão borrada do passado e, de repente, tinha oito anos e meio outra vez. Deslizou a palma das mãos pelas paredes geladinhas do casarão onde morava com Vitória, sua irmã, e o pai, Ubaldo. Tomavam conta da casa de um senhor para quem Fabíola, a mãe, trabalhara enquanto viva. Apesar de esquecida no fim do mundo, era uma boa residência com cômodos frescos e espaçados. Tudo na vida era feito de simplicidade e praticidade. Nos fundos, além do pé de goiaba, havia a horta de Ubaldo, exibindo de tudo um pouco: alface; couve; tomate; quiabo; cenouras; pimentões... E quanto mais o tempo passava, mais a horta se expandia. Quando o pai degolou as poucas galinhas do quintal, almoço e jantar passaram a depender do que floresceria ou frutificaria.

Naquele resgate de memória, Uba provou na língua o gosto da comida preparada pelo pai. A lembrança do pai diante do forno e com as mãos sujas pelo preparo sempre fora viva para Uba. De alguma forma, sabia que o homem temperava com carinho e dedicação.

De manhã e à tarde, era sempre chá de capim-limão com um pedaço de pão ou angu frito. Nas outras refeições, havia certa diversidade. De vez em quando, salsichas, dorso de frango e, uma vez no mês, a carne favorita do menino: figado de boi.

Uba visitou todas essas memórias como se elas fossem uma fumaça envolvente, leitosa e evanescente, mas, apesar dos momentos bons da infância, as recordações não eram todas agradáveis. Elas o atravessaram, castigando-o com dor, permitindo-o sentir outra vez o peso das mãos do pai, os hematomas instantâneos das lapadas de vara de goiabeira, os pratos quebrados nos fins de semana em que ele bebia demais. Nos olhos da única pessoa com quem compartilhava o mesmo nome, Uba sempre encontrava o mesmo olhar seco e perdido de quem não consegue encontrar a paz.

Tinha poucas memórias da mãe, pois ela havia se despedido da vida quando ele e a irmã eram ainda mais pequerruchos. Uma única foto na cabeceira do pai dizia como ela era: a pele negra, como a de todos ali, e um sorriso aberto com o qual o menino chegara a sonhar mesmo depois de grande.

Uba resistiu e voltou para o presente. Arfando, conferiu o relógio do celular ao lado da cabeceira. Faltavam dois minutos para meia-noite, mas a sensação gostosa de expectativa tinha aberto um caminho de mau presságio. Lutou para controlar o pânico iminente e não despertar o companheiro do sono sagrado. Deixou as pálpebras caírem e aguardou a chegada de qualquer mantra capaz de consolá-lo, mas nada veio além da força remanescente dos velhos tempos, arrastando-o uma vez mais.

Uba sentiu a própria alma escorregar para o ralo em forma de espiral. Agarrou-se a paredes invisíveis, mas, no fim das contas, a pressão do passado sugou-o num último sorvo barulhento.

Lá estava Ubazinho, que, na verdade, era Ubaldo Júnior, chegando da escola um pouco antes de o sol se pôr. Deus tinha resolvido pintar o céu de rosa, laranja e azul. Apesar do espetáculo celeste, Uba não conseguiu admirar coisa alguma. Atravessou o quintal escondendo algo atrás das costas. O alvo estava à sua frente: Ubaldo pai que, sentado na escadinha logo à porta de casa, encaixava o bico da metade de uma garrafa pet em um cabo de vassoura.

Ubazinho notou as muitas dobras na testa do pai, conferindo-lhe uma expressão carrancuda. Os gestos apressados e bruscos indicavam que aquela não seria uma boa hora, mas ele só pôde perceber tais sinais depois de revisitar a mesma memória muito depois.

— Pai, fiz uma coisa pro senhor — disse o menino com a voz tímida e coração nervoso.

O pai pareceu irritado com a voz do filho e toda a encenação. Fuzilou-o com um olhar de ódio e exibiu a arma que construía com o cabo de vassoura e meia garrafa.

— Eu também fiz uma coisa pra você. Sabe o que é isso aqui?

Atingido pela voz de trovão, Ubazinho tremeu de medo. Os dedos precisaram apertar o presente atrás das costas.

— Isso aqui é um desentupidor de vaso — disse o pai. — Pra limpar todas as cagadas que você e sua irmã fazem.

O homem jogou o desentupidor caseiro na direção do moleque, que nem teve tempo para reagir. Antes de cair no chão, o cabo bateu no meio da testa de Ubazinho fazendo um barulhinho contínuo dentro

de sua cabeça e criando um galo imedi- ato. O menino não sabia o que fazer quando encarou o lampejo de raiva nos olhos perdidos do pai. Decidiu abaixar a cabeça e entregá-lo o presente feito na escola com tanto carinho, um cartão feito com folha de papel ofício e um desenho do mágico Mister M envolvido pelos dizeres:

“Você é o melhor pai do mundo”.

Quando viu o presente de dia dos pais que seria no próximo domingo, os olhos do homem se encheram com o vazio. Ele amassou o cartão com as mãos, afagou a cabeça do filho num gesto que mais pareceu um tabefe, e saiu pelo quintal desnortado, desaparecendo por mais de uma hora.

No domingo à tarde não houve comemoração alguma, e Ubazinho precisou gritar com a irmã mais nova, pois não queria brincar de nada. O céu estava borrado de cinza quando ele resolveu levar os sacos de lixo para o latão antes que o pai reclamasse. Foi quando ele encontrou o cartão do Mister M rasgado. A chuva começou a cair forte e ele se ajoelhou junto aos montes de lixo por um longo tempo. Gostaria de ter chorado, mas não havia nada em seu olhar.

Agora, com mais de quarenta anos e pai, Uba retornou para a cama, ao lado do companheiro, com o rosto quente. Precisou engolir em seco e respirar fundo algumas vezes para afastar os apertos do trauma. O relógio do celular finalmente marcou meia-noite.

Uba tinha o coração fora do ritmo quando deslizou as pernas pela cama, calçou os chinelos, apertou o roupão e caminhou até a sala. O envelope de papel pardo jazia debaixo da porta, como ele via todas as vezes, uma vez por ano.

O homem sorriu por dentro em um gesto aliviado. Apanhou o envelope e deixou os lábios sorrirem diante da pintura em suas mãos. Com pinceladas de tinta a óleo, Mathias havia se superado em um dos seus melhores desenhos até ali: um coelho saindo de uma cartola.

A assinatura do filho vinha acompanhada dos dizeres de quem conhecia a história do pai e fazia questão de lembrá-lo do quanto o estimava:

“Você é o melhor pai do mundo. Feliz dia dos pais”.

Ubaldo manteve o sorriso e seu coração se preencheu com todas as cores daquele céu que ele nunca pôde observar.

**Se possível, seja melhor que o
seu pai.**



bilola

“Próxima estação, Carioca. Desembarque pelo lado esquerdo. Ao desembarcar, observe atentamente o espaço entre o trem e a plataforma. Next stop, Carioca Station. Disembark on the left. Mind the gap”.

A voz escapava pelos altos falantes e, de maneira divertida, perfurava o imaginário do homem. Visualizava a dona das gravações do metrô como uma mulher amarela e dentuça daquelas que precisa fazer um biquinho para pronunciar certos fonemas.

O homem prendia os papéis entre os dedos com muito carinho. Ele mesmo juntava a grana para imprimir folha por folha, criando dois vincos em cada e dobrando-as como um folder de seis faces. Ali, imprimia pílulas de sabedoria das ruas em forma de palavras.

— Uma poesia? — perguntava de pessoa a pessoa, oferecendo o presente com expectativa.

A mão ainda tremia a cada entrega. O olhar buscando alimento na reciprocidade. Faminto, porém gentil, cordial. A voz treinada para ser baixa e pacífica em singelos gestos.

— Aceita uma poesia? Aceita uma poesia?

Naquele vagão, ninguém quis.

Uma senhora mirou-o como se tivesse o seguinte pensamento: “Onde já se viu um pai de família se prestar a isso”. Outra açoitou-o com os olhos: “Vai trabalhar, vagabundo”. Jovens ignoraram-no como se ele fosse uma sombra insuportável. O homem apenas sorriu para o nada e seguiu, como de (mau) costume, para o próximo vagão.

Não havia prazer em acumular rejeições, tampouco em naturalizá-las. Ele só não detinha as ferramentas cirúrgicas para sondar e elaborar sua dor. Acumulava-as no pesado saco de sua alma e prosseguia.

— Uma poesia? Uma poesia, senhora? Aceita uma poesia?

De parada em parada, o metrô já transitava na zona sul quando ficou um pouco mais vazio e um homem de seus quarenta anos desenhava um sorriso em resposta ao do poeta.

— O senhor aceita uma poesia?

— Claro.

De pé, o homem apoiava o corpo num canto do vagão. Vestia-se com roupa social amassada de fim do dia. A pele mais branca do que o sorriso.

O poeta sentiu os dedos tremerem enquanto entregava o primeiro folheto depois de quase uma hora. No bolso, R\$15 que tinha conseguido e mal garantiam almoço e janta do dia seguinte.

— Tem que pagar? — perguntou o homem branco.

— Não, não, só se puder.

— Ah, sim. Você que escreve? — indagou.

— Sim.

— Sempre quis ser poeta?

— Eu já quis ser professor — confessou.

O homem ergueu as sobrancelhas surpreso. Analisou o poeta de cima a baixo e deu uma lida na poesia mais curtinha.

— Essa daqui é bem bonita. Parabéns.

De coração massageado, o poeta abriu um sorriso e gesticulou com a cabeça em agradecimento.

— Muito obrigado. Escrevo para arrancar sorrisos e suspiros.

— Mas isso paga sua janta?

— A gente dá um jeito — o poeta sorriu, mesmo sem querer. O homem puxou a carteira do bolso e caçou moedas.

— Não, não precisa. Só se o senhor tiver mesmo.

— Se eu não te pagar, como vai sobreviver? O senhor tem outro trabalho?

— Eu já quase tive. Queria ser professor.

O homem sorriu, com a carteira ainda em mãos.

— E daria aula de quê?

O poeta coçou a cabeça, desconfortável.

— Eu comecei a faculdade. Matemática. Mas é que eu tenho um problema...

— Um problema — o homem inclinou o rosto, alarmado. Guardou a carteira no bolso e estendeu uma mão para o poeta.

— Prazer, Carlos Cargara.

— Prazer.

Trocaram um aperto firme. As portas do metrô se abriram. Duas pessoas adentraram o vagão distraidamente. Carlos aproveitou para dar uma nova olhada no panfleto.

— Aqui não diz seu nome.

— Meu problema é esse — confessou o poeta, tímido o bastante para baixar o olhar.

— Tem nome de mulher?

— Bilola.

— Quê?

— É o meu nome — disse o poeta baixinho —, Bilola Leite dos Santos.

Carlos fez todo o possível para impedir que os cantos dos lábios se curvassem em um sorriso. Desviou o olhar numa batalha interna. Como de (mau) costume, Bilola apenas observou.

— Por isso saí da faculdade. Quem respeitaria um professor com esse nome?

O comentário apagou o quase sorriso de Carlos Cargara. Ele cruzou os braços com indignação.

— Quem te daria um nome desses?

Bilola deu de ombros e permaneceu em silêncio, de frente para Carlos. Os pés brincando de fincar raízes imaginárias no solo do metrô, para se equilibrar.

— Pensando bem, você poderia usar Lola — recomeçou Cargara —, um apelido bonito. Ninguém desconfiaria.

— É nome de mulher.

— E Bi?

— Aí pega mal, doutor.

— Bilo?

— Mesma coisa.

Carlos continuou intrigado até, finalmente, se voltar para Bilola com um olhar decidido.

— Eu te dou um novo nome, então. O que acha?

Foi a vez de Bilola tentar conter o riso. Não havia traços de sarcasmo no olhar de Carlos.

— O senhor trabalha no cartório?

— De onde eu venho, podemos fazer o que quisermos. Você me entende?

— Qualquer coisa?

— É, estou dizendo. E digo mais! Você é um homem letrado, escreve poesia. Um pouco de treinamento e você se encaixa rápido.

O poeta examinou a expressão de Carlos. Não tinha certeza se havia sido mesmo elogiado.

— O senhor está me oferecendo emprego?

— Olha, poesia até que faz sucesso por lá. Você aceitaria escrever como ghost?

— O que significa?

— Ghost writing — explicou Cargara.

Enquanto gesticulava com as mãos, a poesia, dobrada entre os dedos, ganhava vincos que partiam o coração de Bilola.

— É um modo muito apreciado pelo mercado. Você escreve, entrega o texto para uma pessoa que tenha a cara do mercado e ganha parte da grana. Nem precisa usar seu nome.

Bilola tentou focar nas palavras de Cargara. Refletiu. Apesar de detestar o próprio nome, tinha aquela maldita sensação de apego. Desde menino, tinha mania de se apegar às coisas e pessoas. Quando quase nada se tem, pouco é muito e nada é tudo. Por isso, o medo de ter o nome apagado era como um gatinho brincando de se esconder nas últimas camadas do seu ego. Ele sabia que o gato estava em algum lugar, só não sabia como achá-lo.

— É muito longe esse lugar?

— Dá pra ir de metrô.

— Precisa comprar uma roupa específica? Porque se precisar, também não será um problema. Eu posso pegar com o meu irmão, que trabalha em uma multinacional, sabe?

— Não, não, esquece o irmão. Um de cada vez. Eu vou ser seu irmão.

— Como assim?

— Tem que achar uma roupa um pouco mais descolada, sim. De repente, colocar dreadlocks, uma camisa africana. Hã? O que acha disso?

Bilola ignorou o fluxo de novas pessoas entrando e saindo do vagão.

— Não sei se entendo.

Carlos apoiou uma das mãos sobre o ombro de Bilola. Não como se ele fosse seu amigo, mas como se fosse um encosto mesmo.

— Olha, eu acho que você combina com Dre, hã? Dre. É legal, não? Dre Buarque. Buarque, de Chico, pra dar uma abrasileirada.

— Não sei a minha mãe gos...

— Ué, você é artista ou não é? Quer ou não quer se livrar desse carma? Você disse que queria arrancar sorrisos das pessoas. Precisa vislumbrar a oportunidade.

Bilola buscou o painel do metrô com olhos preocupados. Faltava pouco para a estação final.

— Olha, eu não vou te dar dinheiro agora, mas vou te dar isso aqui.

Carlos enfiou a mão no bolso e puxou um objeto minúsculo. O metrô deslizou para dentro de um túnel. As luzes do transporte piscaram e, quando voltaram ao normal, o homem balançou um chaveiro no rosto do poeta.

— Dre, é pra você.

— Um chaveiro? — perguntou descrente. Quis dizer que preferia dinheiro, mas obrigou-se a sorrir em gratidão.

— Lá chamamos isso de totem — disse Carlos Cargara.

Bilola avaliou o objeto: um trevo de quatro folhas prateado com uma correntinha e uma argola.

— Serve pra quê?

— Ué! Liga você a mim — explicou Carlos, como se fosse óbvio —, por isso que não é um chaveiro. Se você parar pra pensar, é quase um talismã.

Bilola franziu a testa. Não tinha certeza se havia entendido.

— Olha, na minha família, todo mundo tem um — adiantou Carlos em um tom de convencimento —, meus amigos, as pessoas importantes da empresa a quem eu vou apresentar você. Olha, não se sinta como se eu estivesse fazendo um favor, pelo amor de Deus. É um presente de mão dupla.

— Você se beneficiaria comigo?

— É, poxa! Pra você, é uma validação. Você ganha muito mais do que eu, entende? Você pode ingressar no meu mundo com isso.

— E você ganha o quê?

— Ah, cara, sua amizade. E não vou negar, ela também abre portas pra minha imagem, né? Agenciar alguém com um talento como o teu. A gente não vê as pessoas pela cor ou qualquer coisa do tipo. Não importa se elas são azuis, pretas, brancas, amarelas. Meu pai sempre me ensinou a ver as pessoas pelo que elas são.

— Então pra que precisa disso?

Carlos sorriu.

— Dá uma olhada.

Bilola acompanhou o olhar de Carlos e vislumbrou, atento, o vagão. Um pouco mais de meia dúzia de passageiros ocupava o espaço. Dois homens negros estilosos trocaram um olhar com ele, balançaram chaveirinhos similares e acenaram com a cabeça. Uma mulher, mais ao fundo, repetiu o gesto. As outras pessoas do vagão nada notaram, mas as pretas estavam atentas a tudo, carregando o cansaço em suas expressões.

Bilola tentou relaxar. Respirou fundo e encarou Carlos uma vez mais. Pensou na oportunidade de emprego, se havia outros como ele trabalhando na mesma empresa...talvez fosse possível ser respeitado se tivesse outro nome ou outra aparência...

— Bom, obrigado, meu chapa — disse, enfiando o chaveiro no bolso.

— Não, não, não — advertiu Carlos, estendendo a mão —, o totem fica comigo. Isso é muito difícil de conseguir, tá louco?

— Mas você não me deu?

— Sim, sim, mas é meio que... digamos que ele... entende sua alma.

— E ela fica com você? — perguntou Bilola no ápice da desconfiança.

O homem deu mais um sorriso amarelo.

— Acha que é superior a mim a ponto de ficar com a minha alma? — perguntou Bilola.

Então o último resquício de brilho sumiu do olhar de Carlos. Cargara e ele desinflou em um gesto de desistência. Não pensou duas vezes antes de devolver a poesia amassada de Bilola, balançando a cabeça com desprezo.

— Que porra de desperdício de tempo. Você nunca daria certo lá — garantiu.

Bilola sentiu o açoite queimar no peito. Preferia não tocar no papel para não se contaminar com o que o homem branco destilava, mas a mãe o havia ensinado a não jogar pérolas aos porcos. Ele recolheu a poesia.

— Eu sou uma pessoa certa. Seu lugar que é errado.

Os homens se encararam uma última vez.

Depois, Bilola deu as costas para Carlos e desejou nunca mais encontrar alguém como ele. Preferia ter o nome mais idiota do mundo a se vender de tal forma.

Naquele fim de tarde, ele também decidiu algo muito importante para si.

Nunca mais pegaria a Linha Branca do metrô.

Questão de sobrevivência.

Calma, não venda sua alma.



barba

As mãos de qualquer fada perdiam de lavada para as mãos de Russo. O jeito como fazia a navalha deslizar, a pontinha dos dedos escorregando de leve pela bochecha do cliente. O corpo respeitando a distância, mas fazendo desejar que se encostasse um pouco mais. Olhos condensados, escrutinando cada milímetro do rosto a ser moldado, como se o barbeiro estivesse produzindo uma escultura. Às vezes, era possível sentir a quentura do hálito de Russo ou contar a frequência de sua respiração forte e acelerada, que em nada combinava com a serenidade dos gestos. Nunca errava. Nenhum filete de sangue ou movimento desigual. Ricardo pensou em tudo isso quando beijou a esposa em despedida naquela manhã.

— Amor, você não acha que está gastando muito na barbearia? É uma visita por semana.

O homem sorriu amarelo, acostumado a esconder seus pensamentos do dom natural da maioria das mulheres: a telepatia.

— Não posso determinar o ritmo de crescimento dos meus pelos, nem do crescimento de outras coisas.

Ricardo envolveu a mulher com os braços roliços, mas o abraço servia mais para ocultar-se diante dela. A certidão de nascimento dizia que Lucinha era parda, mas ele gostava de chamá-la de “minha preta”.

— Não tem crescido tanto assim nos últimos dias – confessou ela, com um sorriso tímido.

— É o cansaço.

Lucinha baixou os olhos, pensou por um momento e depois enfiou o olhar nele, decidida.

— Quero o lenhador na minha cama de novo, o lenhador de antes. Deixe a barba crescer, Ricardo. Estou te pedindo.

O marido suspirou e soltou-a com um gesto suave.

— Eu preciso ir. — Foi tudo o que disse antes de um selinho de despedida.

Estacionou o Monza velho na esquina da barbearia sem conseguir esconder a ansiedade pelo vício. Era isto o que havia se tornado: um viciado.

— E aí, negão? Toda quarta, firme e forte – brincou Josias, o barbeiro disponível.

— O trabalho pede – mentiu Ricardo, trocando um aperto de mãos com o homem de farto bigode.

A barbearia era um estabelecimento bem chique quando comparado aos outros da região. As portas de vidro impediam os clientes de sentirem a inhaca das entranhas de um açougue do outro lado da rua, o ar condicionado no 23°C mantinha um clima ambiente, *FM O Dia* rolando baixinho em uma caixa de som.

— Não quer fazer comigo desta vez, não? Bora, negão. O Russo começou agora. Vai demorar duas horas ali — disse Josias.

— Vai roubar cliente da tua mãe — disse Russo, sem sequer desconcentrar-se da barba sob suas mãos. Seu cliente quieto, feito uma estátua, desfrutava do momento ímpar.

Ricardo sempre se perguntava o que acontecia com os caras assentados naquela cadeira. As esculturas humanas de Russo, seus clientes, não eram como os outros que tricotavam papo de barbearia, rindo alto em uma chacota cíclica. Eles apenas fechavam os olhos e entravam em transe, silenciosos como o barbeiro.

Russo terminou seu trabalho, recebeu e chamou o próximo com um olhar. Ricardo obedeceu ao gesto e logo relaxou sobre a cadeira inclinada. Finalmente! Tinha esperado uma semana para viver aquilo outra vez.

— O de sempre? — perguntou Russo atrás da cadeira.

— O de sempre.

Ricardo foi até Júpiter e retornou. Quase molhou a cueca.

Para o terror de Lucinha, naquela semana, não cresceu nem a barba do marido, nem qualquer outra coisa nele. Ricardo até tentou uma brincadeira ou outra depois que as crianças já tinham ido dormir, mas o amigo de baixo não levantava de jeito nenhum. Ele continuava culpando o trabalho e alegando sobrecarga, mas as sobancelhas de Lucinha já começavam a se erguer em sinal de descrença.

Na terça-feira da outra semana, Ricardo terminava de tomar seu café, já arrumado para o trabalho, quando a esposa, depois de um silêncio sepulcral, sentou-se à mesa com o celular na mão.

— Acabei de mandar um negócio para o seu Instagram. Depois vê — pediu.

— Instagram? Eu nem uso isso, preta. Fala aí.

— Eu acho que você deveria marcar uma consulta.

— Consulta de quê? — perguntou Ricardo, confuso.

Lucinha cruzou os braços e avaliou-o com indignação.

— Como assim de quê, Ricardo? Preciso do meu homem de volta!

— Eu não sou só um pau, Lúcia.

— Você não está me traindo — a mulher afirmou.

Ricardo fez cara de desentendido.

— Você não está me traindo, porque eu tenho olhos em todos os lugares — disse cheia das certezas —, então só há duas possibilidades pra você: ou perdeu o interesse em mim, ou está com algum problema de disfunção.

O homem sentiu-se tão medíocre que bateu os pés até a pia, jogou fora o café e lavou a caneca usando o jato máximo da torneira. O redemoinho de pensamentos poderia levá-lo à loucura. Os sinais de ansiedade já apareciam como coceiras pelos braços.

Ricardo não se deu ao trabalho de responder ou conferir o que a esposa havia mandado pelo Instagram. Na verdade, ele mesmo não tinha certeza de nada, não sabia o que estava acontecendo. Reservava todos os impulsos para as manhãs de quarta. Nada se comparava aos arrepios na nuca e às coisas indizíveis que imaginava quando Russo esculpia seu rosto, no entanto isso seria o suficiente para afetar sua relação sexual com Lucinha? Será que...? Não! Não e não.

No dia seguinte, quarta-feira, lá estava ele de novo. Pouco importava se o membro não se levantava mais com a mulher. Queria aquilo, o silêncio de Russo. A dedicação com cada centímetro seu, o geladinho da espuma de barbear, o contraste entre a firmeza das mãos e a delicadeza dos gestos. Naquela cadeira, ele tinha certeza de que a mensagem da clínica para homens com disfunção erétil, enviada pela esposa, não fazia o menor sentido.

Quando Russo estava quase no fim do trabalho, Ricardo sentiu-o empurrar alguma coisa com gentileza para o bolso de sua calça. Mãos e pélvis tão próximos um do outro. Ricardo pagou, sorriu, acenou para todos e disfarçou a ansiedade até esconder-se atrás do vidro fumê do próprio carro. O coração batia forte quando enfiou os dedos no bolso da calça e puxou um cartão da barbearia. Letras miúdas, desenhadas com caneta preta, diziam:

Amanhã, na esquina do ferro velho, às 19:45.

Ricardo precisou ler o cartão mais de dez vezes. O que aquilo queria dizer? Seria uma mensagem secreta? Um encontro? Poderia confiar em Russo? Uma armadilha? Uma mensagem aleatória?

Dirigiu o carro doidinho da Silva. Trabalhou com centenas de carrapichos na cabeça. A palavra “traição” chegou a relampejar em seu imaginário. Tá maluco, Ricardo!? Merda de adolescência mal vivida – reprimiu-se como de costume.

Conhecendo a esposa que tinha, precisou queimar o cartão e jogar as cinzas em um bueiro na cidade. Foi ao realizar esse exercício que ele decidiu contar tudo para a esposa. Ela merecia saber. Daria um jeito de dizer que tinha algum problema psicológico. Não entraria em detalhes, nem falaria de Russo, mas, sim, diria que estava pensando em outra pessoa, que isso agora o atrapalhava. Lucinha faria um escândalo, mas ele sabia que, se fosse sincero, poderiam passar por aquilo juntos. A esposa era a pessoa mais incrível que ele já conhecera. Não poderia enganá-la daquela maneira.

Quando retornou para casa, já tinha o discurso nos lábios quando abriu a porta da sala. Lucinha tinha se transformado em uma Mulher-Gato. Sexy. Nossa! Uma bota de couro com cano longo, calcinha minúscula e transparente, os seios redondos – e perfeitos por serem imperfeitos – a máscara ressaltando o olhar em chamas, o chicote firme em uma das mãos.

— Miau. Pronto para a brincadeira, Ricardão?

Ricardo perdeu todas as palavras e planejamentos. Naquela noite, agradeceu o fato de as crianças terem ficado na casa da avó. Ele e Lucinha gemeram pela casa inteira e, se ela não tivesse ligado as trompas, ele tinha certeza de que teriam feito dezenas de filhos de uma vez só!

Na manhã seguinte, o café foi diferente. Lucinha, que trabalhava em home office, tomou banho logo de manhã, escolheu roupas novas, maquiou-se, apoiou-se em salto alto e tudo.

— Pra que isso tudo, mulher de Deus? – perguntou Ricardo, bebericando o café e terminando o queijo quente.

— Acordei inspirada e quero manter minha inspiração até o fim do dia de trabalho – respondeu ela, animada –, então cancela a visita ao urologista, gato.

— Gata é você – disse ele, com um sorriso satisfeito.

A esposa não se importou com o gosto de café na língua de Ricardo. Tascou-lhe um beijo bem mais quente do que o selinho de antes e despediu-se para o escritório. O homem chegou a inflar o peito e empinar-se feito um pavão, observando as curvas da esposa até o último segundo.

O dia de trabalho foi excelente, mas, quando o sol se despediu, as malditas palavras do barbeiro voltaram a piscar em sua mente: “*Amanhã, na esquina do ferro velho, às 19:45*”. Essa história precisava acabar. Não tinha mais dúvida nenhuma do quanto desejava a esposa, do quanto era macho. Toda aquela putaria de barbeiro precisava ter um fim, mas se pensasse em Russo por um pouquinho mais de tempo... Merda. O homem silencioso morava em um canto esquisito dentro de seus pensamentos. Não poderia trazê-lo à luz, não queria. Queria, mas não queria.

Ricardo sentiu os olhos imaginários da esposa queimando sobre si quando desviou o carro do caminho de casa e acelerou até o único ferro velho da cidade. Eram 19:50 quando ele estacionou, arregaçou as mangas do blusão e bateu a porta do carro, pronto para tirar satisfação com o outro homem.

Russo escolhera o ferro velho, porque ficava em uma rua deserta. Àquela hora da noite, o bairro nem mais funcionava. A luz amarelada de um poste ofertava o mínimo de claridade para a sombra do homem debaixo de uma árvore na calçada. A esquina era perigosa e aquela aproximação também, Ricardo bem sabia.

— Você está atrasado — disse Russo, com as mãos nos bolsos.

— E daí?

Ricardo observou Russo melhor pela primeira vez. Nunca conhecera outro homem albino além dele. Tinha a pele mais clara do que uma folha de ofício, mas era negro como ele, os traços não podiam esconder. Ricardo nunca vira a neve, mas sempre imaginava que os cílios e sobrancelhas de Russo se assemelhavam a isto: pedacinhos de pelo com flocos de neve. A barba bem aparada e o cabelo branco. A estrutura de um armário. Se Russo decidisse dar-lhe um jab nas costelas, Ricardo lutaria muito para se recuperar.

Enquanto analisou o homem, sentiu que também era avaliado. Soltou um pigarro e continuou a falar com firmeza.

— O que você quer comigo? Por que quis me ver aqui?

— Espero por você toda quarta — respondeu o barbeiro, dando de ombros. A voz disciplinada, calma e forte.

— É, mas eu vou parar de ir.

Russo riu.

— Era de se esperar.

Ricardo cruzou os braços. Sentia-se como uma bexiga furada, perdendo o ar de machão aos poucos.

— Você sempre traz sua clientela pra cá? É isso?

— Você é o primeiro — disse Russo.

— Não zoa o plantão, cara. Corta essa.

Russo sorriu. Ricardo ficou um pouco mais leve.

— O que você quer? Não tem amigos? Quer alguém pra conversar, é isso?

— Tenho amigos, sim.

— Então é o quê, porra?

— Você vai fingir que não sente nada?

— Do que você tá falando?

Russo deu dois passos até Ricardo e agarrou-o com um braço. Em tudo, mesclava a firmeza com a gentileza.

— Se quiser partir pro soco, tá suave. Tô aqui, porque quero saber o que você sente toda quarta, o que sente por mim.

Ricardo engoliu em seco. Olhou para os lados, aflito. Se alguém o visse tão próximo de Russo e fora da barbearia... Os olhos da esposa agora pareciam com o Olho de Sauron, de O Senhor dos Anéis. A qualquer momento, arderiam em chamas e ela surgiria na ponta da rua com as mãos na cintura. Gritaria seu nome e...

— Eu não sinto nada, cara. Você é um bom barbeiro. É isso. Um bom profissional.

Russo examinou-o por inteiro uma última vez até soltar seu braço com um suspiro de decepção.

— Pois é. Eu sinto. Queria tentar algo a mais com você, mas, pelo visto, seu medo não vai permitir.

— Meu casamento.

Quando percebeu, já tinha falado. Já tinha confirmado que também queria, mas... Os dois encararam as verdades um no olho do outro.

— Quero você – disse o barbeiro.

Ricardo percebeu a sequeidão na boca. O coração disparado no peito. Imaginou as aventuras que poderia viver com o outro homem. Os pensamentos afogados na adolescência retornando de um sono mal dormido. As afirmações sociais descolando-se do peito e entrando em uma dança animalesca com a culpa, com o sabor da traição. Traía a todos: a Russo, à esposa e a si mesmo.

Russo não disse uma palavra a mais. Balançou os ombros, deu as costas e desapareceu pela rua, deixando Ricardo feito uma bexiga murcha.

Quando Ricardo voltou para casa, Lucinha nem parecia ter notado seu atraso. Já tinha arrancado as roupas do home office, mas fez questão de mostra-lo as alças de uma cinta liga vermelha. Não houve, no entanto, nem metade da empolgação da noite anterior. Ricardo praticamente dormiu com Russo, habitando e revirando todos os seus pensamentos. O barbeiro alastrou-se como um veneno sedutor em sua consciência e ele sonhou com coisas indizíveis dentro daquela barbearia.

Os pelos da barba de Ricardo pareciam saber que precisavam crescer rápido, ansiando pela quarta-feira. Quando chegou o dia certo, o lenhador exibia seus primeiros vestígios nas bochechas. A barba crespa havia despontado como um clamor pela visita a Russo.

— Hum. Está deixando crescer? – perguntou Lucinha após o selinho de despedida.

— Você não entende que eu não quero ter barba, Lúcia? Inferno. Para de insistir com essa merda – rallhou o homem, estressado.

A esposa assustou-se e cruzou os braços, furiosa com a falta de um pedido de desculpas. Ricardo apenas entrou no Monza e dirigiu desesperado. Tinha contado os dias e as horas, daria o que Russo queria. Resolveria com Lucia depois, mas se entregaria àquilo. Puta merda! Queria aquela conexão com todas as suas forças.

— Cadê o Russo? – perguntou quando viu os dois outros barbeiros trabalhando sozinhos.

— Ih, negão. Ele não vem há dias. Está doente.

Com uma única batida sentimental, o coração de Ricardo sinalizou sua tristeza. A cadeira vazia de Russo emanava arrependimento e solidão. De uma forma ou de outra, Ricardo sabia que o barbeiro não voltaria. Dito e feito.

As semanas se tornaram meses e Ricardo perdeu todas as esperanças, desistindo até mesmo de manter a barba aparada. Voltou a fazer a própria barba. Chegou até a passar o bastão de Russo para Lucinha, que aceitou de bom grado. Ela levava jeito, mas Ricardo não estava a fim de suas mãos de fada. Resolveu deixar o tão desejado lenhador retornar. A esposa ficou feliz da vida. Com o tempo, as coisas se realinharam na cama. Uma boa sintonia sexual entre os dois, até os filhos notaram.

Um ano depois, Ricardo repetia o selinho de despedida para o trabalho, quando Lucinha recuou enojada.

— Ai, Ricardo, já deu. Tira essa barba. Era melhor sem. Isso tá horrível, parece um Papai Noel preto.

— Ué, você não queria o lenhador?

— Resolva isso hoje – avisou ela, dando-lhe as costas.

O coração de Ricardo ficou pequeno dentro do peito, mas a vida o havia treinado para nada demonstrar. Foi quando ele se enfiou dentro do Monza por um longo tempo, pensando no que faria. Chegaria atrasado no trabalho, mas precisava tentar.

Dirigiu até a barbearia chique e, de repente, sentiu o estômago gelar, como se Russo estivesse aguardando-o durante um ano inteiro, pacientemente.

— O bom filho retorna ao lar! – brincou Josias, o barbeiro do farto bigode.

Todos os olhares se voltaram para Ricardo, que sorriu das piadas sobre sua barba gigantesca.

— E o Russo? Nunca mais voltou?

A pergunta liberou o gás do silêncio constrangedor. Os homens se calaram e focaram nos clientes.

— Ele foi assassinado na esquina do ferro velho. Mexeu com um cliente — contou Josias.

De primeira, Ricardo pensou não ter ouvido certo. Depois, entristeceu-se. Enquanto aguardava no banco de espera, imaginou as mil coisas que poderiam ter acontecido para aquele fim repentino e as outras mil coisas que teriam feito, ele e Russo.

Durante todos os meses que haviam se passado, Ricardo nunca acreditara na afirmação do barbeiro: “Tenho amigos”. De todas as coisas que ele havia dito, essa era a única que soava como uma mentira. Talvez tivesse morrido tentando começar a vida com outro homem, talvez tivesse morrido em busca de um amigo.

O substituto de Russo era um homem preto com riso contido e olhos calmos. Terminou com seu cliente, recebeu e chamou o próximo com um gesto nostálgico, ao qual Ricardo já estava desacostumado. Ricardo sentou-se na cadeira e trocou um olhar com o novo barbeiro pelo espelho.

O homem analisou a barba de Ricardo com toda a tranquilidade do mundo. Com dedos firmes e gentis, amaciou a bucha de pelos crespos de que a mulher sentia nojo e, no olhar, Ricardo sentiu o mesmo convite que Russo fizera debaixo daquela árvore, agarrando seu braço. O olhar de quem queria algo a mais.

Desta vez, Ricardo sabia exatamente o que fazer.



dona tagarela

— Você só precisa se abrir — diz Thiago, de pernas cruzadas.

O revólver cobra seu peso entre a pele e a calça jeans. Manter-se consciente do próprio corpo é instintivo para Aluízio. A sensação agarra sua adolescência pelo colarinho da camiseta de marca falsificada, trazendo-a quase face a face. Há mais de trinta anos, ele costumava sentir algo parecido no caminho para a boca de fumo quando ia atrás de erva. O fenômeno ainda traz certo desconforto.

Thiago, o homem sentado à sua frente, aguarda com passividade.

É estranho para Aluízio ver um doutor retinto, um homem preto protegido por uma sala repleta de móveis finos, envoltos pelo aroma de difusores exóticos.

Em cotejos silenciosos, ele pensa um pouco mais sobre o cara a poucos passos de distância. Não são iguais, como as pessoas costumam dizer, prendendo-os no curral imaginário onde os homens negros são socados. Pelo contrário. Aluízio duvida muito que o psicólogo beba uma gelada com os amigos na mesa de um bar, batuque numa roda de samba ou esconda um segredo tão perigoso quanto o seu...

Ocultada pela camisa de Aluízio, a arma se revela mais uma vez aos seus sentidos. O homem estranha a sensação e tenta encontrar um fio de coragem para encarar o preto culto.

— Não me leve a mal, Thiago, mas a gente é muito diferente — diz Aluízio.

— Comparações. Está se desviando outra vez.

— Não tô me desviando, é só que... — Aluízio não consegue completar. Dá uma risada sem graça. Um calor se ergue debaixo da camisa até o pescoço em sinal de desconforto.

— Posso te lembrar de que forma isso aqui funciona? — pergunta Thiago, com cuidado.

Aluízio afasta as coxas, inclina a cabeça e se prepara para ouvir o outro, apenas para ganhar tempo e criar uma nova defesa.

— Você veio aqui procurando respostas, não veio?

— Eu vim porque meu chefe me obrigou — reforça Aluízio.

— Hum. O que estava em jogo?

Aluízio reflete. Armadilha de palavras é uma das coisas mais perigosas do mundo, ele bem sabe. Um homem envenenado pelas próprias palavras não tem honra alguma.

— Ele só disse que você é bom nisso — decide dizer —, que ajudou na terapia de casal dele e da mulher.

— Está atrás disto, de terapia de casal?

— Não seria uma má ideia, mas isto aqui é só coisa que chefes podem nos obrigar a fazer quando estão de saco cheio dos funcionários das antigas, me entende?

— Então ele te obrigou a vir aqui ou não?

— Olha, o lance é que, se fosse por conta própria, eu não viria.

— Por que não?

— Porque eu não preciso.

— Não precisa do quê?

Aluízio ri outra vez. Sente que os sorrisos estão vindo fora de hora. Gostaria que o doutor parasse de falar, mas não é o que acontece.

— Eu disse a você na sessão passada como é que isso funciona, mas eu posso reforçar — diz o psicólogo.

Um traço de seriedade acentua seu olhar.

— Você me paga para te levar até onde você quiser ir, em qualquer lugar da sua mente. Ao ver as coisas com um ponto de vista treinado, posso ajudá-lo a encontrar sua cura.

Desta vez, Aluízio não ri, mas precisa empurrar saliva para dentro, movimentando o pomo-de-adão. Observa Thiago e sua aura científica, quase sobre-humana.

Se o psicólogo estiver falando a verdade, talvez o encontro possa ser útil para... algo. *Cura*. Coberto de receio e desconfiança, o pensamento volta a brotar em sua mente. De repente, pagar um psicólogo para compartilhar aquele segredo não parece uma tentativa desesperada. Era para isto que estava ali? Para tentar se redimir?

— Quer falar sobre algo? — pergunta o psicólogo.

— Tipo o quê? — responde Aluízio.

O psicólogo dobra o lábio de baixo com um beijo.

— Algo diferente em seu dia? — insiste Thiago.

— Hm — confirma Aluízio.

— Tipo o quê?

A arma pesa outra vez, entre a pele e a calça de Aluízio, feito um alarme instintivo.

— Eu fiz algo peculiar.

— E como você se sentiu quanto a isso?

Aluízio não esperava uma pergunta dessas. Algo lhe dizia que estava a poucos centímetros de ser pego pela arapuca de palavras. Em um campo minado, os impacientes são os primeiros a morrerem. Por isso, Aluízio respirou fundo e deixou as próximas falas saírem bem devagar.

— Incompreendido. Se eu contasse para as pessoas o que eu fiz, ninguém entenderia, mas a gente entende.

— A gente quem?

Ops.

— Eu e ela.

— Ela...

— Ela — Aluízio solta um pigarro.

Thiago balança a cabeça, assentindo.

— Quando você se sente incompreendido, que imagens vêm à sua cabeça? Como é a sensação?

— É sufocante — diz ele, sentindo uma leve dose de paz após a confissão. Como um usuário iniciante e já viciado na cura pela palavra, resolveu ter a sensação outra vez:

— E solitário. Uma pressão no peito, sabe? Pode crer. Às vezes, eu acho que ninguém consegue entender o que eu digo. Eu me sinto sozinho.

Aluízio estremece por dentro. As palavras proferidas desnudam-no, e a sensação, para um homem como ele, não é agradável. É, mas, ao mesmo tempo, não é.

— Mas é normal, né? Todo mundo se sente um pouco só — tenta remendar.

O psicólogo mexe os ombros.

— Mesmo com *ela*, você se sente só?

Um longo silêncio toma o ambiente. Aluízio tenta encontrar as palavras certas. Abre a boca, mas elas não saem. Ele pigarreia, toma mais goles de ar, mas não se encontra pronto para ir adiante. Decepcionado consigo, deixa o frio na barriga escapar para o olhar.

— Talvez amanhã.

E encerram o assunto. Naquela noite, Aluizio dormiu pensando nas palavras que usaria na próxima sessão. Está de licença a mando do chefe. Anda estressado demais, perde o controle no trabalho, desconta nos companheiros. Sobra até para o bebedouro da delegacia, que passou a ser constantemente surrado.

Na manhã do dia seguinte, ele assiste à televisão esperando a tarde. Antes de sair para o consultório outra vez, faz questão de certificar-se de que tudo está como deveria. Um aperto em seu coração lembra-o do problema, o qual ele não tem coragem de enfrentar. Sente-se pior do que o estrume do cavalo. Merece as surras do pai. Merece ter o membro arrancado do corpo e dado aos urubus. Não pode ser considerado um homem. Não depois do que está fazendo. Mas Aluizio não faz a menor ideia de como consertar um sentimento aterrado no fundo de sua alma.

No consultório, pela terceira vez na semana, os dois homens apertam as mãos um do outro com breves sorrisos. Para Aluizio, de alguma forma, Thiago não é mais um rosto estranho; agora, é um doutor.

Grande demais, o policial ocupa a poltrona com obediência.

— Eu queria entender melhor sobre como o senhor enxerga o sigilo profissional. O que acontece aqui fica aqui independentemente do que for?

O psicólogo cruza as pernas e toca as costas no encosto da cadeira.

— Certamente. O sigilo da profissão não pode ser quebrado. O senhor sabe disso, certo?

— Sim, mas... Eu precisava ouvir de você. De homem pra homem.

— De homem pra homem — repete Thiago apenas, como quem quer saborear a expressão.

— Isso tem a ver com nossa última conversa?

— Tem sim. Vou te contar algo que ninguém pode saber. Não pode e nem vai, se é que o senhor entende.

— Ok.

Aluizio encara Thiago, pensativo. O estômago remexe desengonçadamente, mas a necessidade de colocar aquilo para fora é tão grande que ele decide pular na arapuca.

— É sobre ela.

— Sim.

O psicólogo aguarda. Aluizio pensa bastante antes de falar.

— Não é assim pra mim, mas eu prefiro ser direto pro senhor entender logo, positivo? Ela está sendo mantida em cativeiro.

Thiago franze a sobancelha.

— Quem é ela?

— Minha mulher.

— Quem está mantendo-a em cativeiro?

Um espasmo de medo dá um único soco nas paredes internas de Aluizio. Uma gota de suor brilha em sua testa involuntariamente. A garganta seca.

— Ela fez coisa errada. Merda! Estou revelando isso a você, o que mostra o quanto estou perdendo o controle.

— Aluizio, você tem meu sigilo. O que você fala aqui, fica aqui. Fica tranquilo, relaxa. Você está seguro — relembra o psicólogo.

O paciente toma ar algumas vezes. Distribui um olhar vago para os cantos do cômodo enquanto se acalma. O sorriso consternado chega, mas ele se depara com a permissão para continuar.

— Sou eu que estou *prendendo ela*, mas foi ela quem procurou.

Thiago continua ouvindo quase inexpressivo.

— Também não é como nos filmes, entende? Eu disse cativeiro para o senhor entender melhor, mas ela tá no quarto da despensa, o que não é exatamente um cativeiro. Não tem janela, mas tem comida, colchonete, tudo o que ela precisa pra não morrer, sabe?

Thiago franze a testa sem esconder a descrença.

— Como você se sente quanto a isso?

— Eu? — Aluizio pergunta, desprevenido — Doutor, ela não grita, nem nada. Não pede pra sair, não faz menção de querer sair quando eu deixo comida. Ela nem olha pra mim. Ela está tentando me atingir com isso, entende? Confesso que isso tira minha paz.

— Houve alguma agressão física?

— Nunca. Sou um homem direito, doutor. Nunca levantei a mão pra minha esposa. Nunca a agredi. Agora... o silêncio dela me mostra que há um consenso. Você me entende?

— Não. Eu não entendo.

Os dois homens prendem-se um ao outro por um olhar afiado. Os instintos trabalhados em Aluizio lembram-no do revólver preso à calça, mas, diferentemente das sessões anteriores, há apenas a vontade de ser compreendido por completo.

— Vocês conversaram sobre isso?

— A gente não conversa. Só briga. As coisas que ela faz são imperdoáveis. Se você estivesse na minha pele...

Aluízio não hesita. Enfia a mão por trás, retira o revólver da calça e inclina-se para oferecê-la ao outro homem. A pistola de calibre 40 S&W é uma Taurus PT 100 opaca e com marcas de uso.

— Pega — manda Aluízio com um tom quase gentil.

— Não acho que seja certo — contrapõe Thiago, evitando olhar para a arma.

— Por que não? Eu quero que você sinta o que eu tô tentando dizer.

— E deixar minhas impressões digitais aí?

— É só limpar depois.

Um revólver sempre preenche o ambiente com hostilidade, mas Thiago faz esforço para manter-se calmo e pacífico. Aluízio avalia a reação do psicólogo. A sensação de superioridade chancelando-o como dominador.

— O que foi? Você é superior demais pra pegar numa arma? Seus pais disseram que era errado? Eles estavam certos — diz Aluízio —, porque o senhor teve meios diferentes para sobreviver sem precisar disso. Sente pelo menos uma vez. Sou um policial, relaxa.

Thiago finalmente desliza o olhar para a pistola. Passa um tempo observando os olhos do policial e o acabamento gasto do objeto oferecido. Decide pegá-lo. Aluízio sorri enquanto observa as mãos do doutor, com unhas limpas e esmaltadas, segurando a arma como se ela pudesse explodir a qualquer instante. Pesava quase um quilo.

— O senhor deve estar acostumado a ter algum poder, não? — sugere Aluízio.

— Não como isso.

— Não diminua seu poder, doutor. O senhor me fez confessar um crime bem na sua frente. Se isso não for poder, o que pode ser então?

— Eu não vejo por esse lado. Acho que poder é uma ilusão e isso aqui, sem dúvida, ilude. Você concorda?

Aluízio ri de modo sombrio. Afasta as coxas. Relaxa um pouco mais sobre a poltrona. É interessante perceber o quanto uma arma letal desarma o psicólogo.

— Quando decidi que queria ser policial era por essa ilusão, sabe? Essa voz cochichando na tua cabeça, dizendo que se você quisesse acabar comigo agora, poderia. Eu queria ser o fodão, saca? Agora, olha só pra mim. Não posso deter minha própria mulher.

Thiago respira fundo, apoia o revólver em seu colo e o tornozelo direito sobre a coxa esquerda. Entrelaça os dedos sobre o joelho erguido.

— Estou curioso para saber o que ela fez, de fato, para desencadear essa reação sua.

Aluízio ri pelo nariz. Olha para o lado e deseja acender um cigarro. O medo da incompreensão volta a socá-lo por dentro.

— Minha mulher fala demais, doutor.

— Como assim?

— Ela fala muito. Foi o que eu disse.

Aluízio força o olhar apático de quem não espera concordância alheia.

— Fala mais do que deveria.

— E ela está sendo mantida em cativeiro há dias por falar demais?

— Isso me irrita demais, doutor. Ela não consegue manter aquela maldita língua dentro da boca. Eu sou um policial. Não posso ter uma mulher fofoqueira, faladeira, que vive entrando em confusão por causa da própria língua, me entende?

— Mas como prendê-la poderá mudar seu hábito de falar demais?

— Apenas aconteceu! — grita Aluízio, em descontrole.

A voz do policial enche a sala com tremor. Thiago ergue uma sobrancelha, mas mantém a cara de interesse. Aluízio precisa estufar o peito para respirar melhor e, quando volta a falar, faz toda a força do mundo para reprimir o turbilhão de emoções.

— Estávamos discutindo, eu entrei no quatinho, ela foi atrás, não parava de me irritar sobre a porra das férias que eu nunca tiro, mas, enquanto eu sustento a casa, ela não faz porra nenhuma. Em todos esses anos, nem pra me dar um filho ela serviu. Eu fiquei nervoso, bati a porta, passei a chave por fora e ela ficou lá dentro. Ela bateu à porta, me chamou no início, mas eu não respondi. Daí ela desistiu. O tempo passou. Ela não dava um miado sequer e eu sabia que tudo aquilo era pra me provocar. Então eu *deixei* ela lá e fui viver a minha vida, entende?

Claro que não entende, pensa Aluízio, sentindo-se um idiota, otário e babaca. Nada daquilo faria sentido para ninguém além de si mesmo, e talvez da própria esposa.

Enquanto Thiago nada diz, Aluízio considera prender-se em um silêncio nervoso, mas quando menos percebe, já está falando mais.

— O problema foi quando eu percebi que eu não quero que ela saia de lá. Isso faz de mim um psicopata? Eu não tenho os traços. Minha mulher quer que eu seja algo que eu não sou. Não gosta que eu seja um policial, mas quer dinheiro. Enquanto eu trabalho, ela já me traiu pelo menos três vezes na minha própria casa. Ela não é essa mulher certa e religiosa que aparenta ser, entende? E eu sou tirado como o policial otário, porque eu tenho uma mulher que tripudia em cima de mim, conhecida pelo bairro como uma fofoqueira, vagabunda. Estou errado em querer um pouco de silêncio para os dois?

Os olhos de Thiago acompanham os do paciente, avaliando-o por dentro. Aluízio respira com incômodo, mas se agarra à pequena esperança de que talvez o doutor possa entendê-lo.

Poucas pessoas o compreendiam na vida. Ninguém aprovaria uma ação daquelas, mas é porque não viviam em sua pele. Aluízio sabe que é pior do que o cocô do cavalo do bandido, mas será que, nesse monte de lixo que no fundo ele acha que é, poderia encontrar, pelo menos, um pouco de redenção?

— Você a ama? — perguntou Thiago.

— Amo. O problema é que eu não consigo mais abrir aquela porta e olhar para ela. Eu tenho medo do que eu vou encontrar — revela Aluízio.

O peso que desmontava seus ombros parece aliviá-lo um bocado a mais.

— O que o senhor acha que vou ver?

— Eu acho que você vai encontrar os seus próprios medos. Acho que você é um homem claustrofóbico — diz Thiago sem rodeios.

— Era esse o castigo que o seu pai te dava na infância? Ele prendia você?

Aluízio encara o psicólogo. Algo lhe diz para não gostar do tom de voz naquela fala, mas, ao mesmo tempo, uma memória brota em sua mente com uma acidez capaz de minguiá-lo.

Tinha apenas seis anos de idade quando o pai o prendeu pela primeira vez. Se meter em conversa de adulto renderia-lhe um fim de semana inteiro de castigo dentro do quarto. Uma garrafa e uma caixa de papelão serviriam para as necessidades fisiológicas. Nos poucos minutos em que o pai saiu de casa, a mãe, aos prantos, abriu a porta para o filho respirar. Apesar disso, ela não podia fazer muita coisa, pois corria o risco de tornar as coisas piores.

A garganta de Aluízio aperta no momento em que ele redescobre as outras vezes em que fora castigado da mesma forma. Na maioria das vezes, o padrão se repetia quando o pai dizia que ele falava demais, que morreria cedo por isso, que caguetar não era coisa de homem.

Aluízio precisou ser enclausurado muitas vezes até entender o limite da própria fala. No final das contas, até podia se expressar, desde que não discordasse do homem da casa. Teria ele se tornado exatamente como o opressor que, apesar de tudo, ele amava?

Ao pensar nisso, Aluízio não percebe em qual momento Thiago passou a segurar a pistola dotado de habilidade, apontando-a para sua direção.

— Você é do tipo de pessoa que julga as outras considerando apenas o próprio ego — diz Thiago, preparando o próprio corpo para o impacto do disparo.

— Do que...?

— Você achou que eu nunca havia puxado o gatilho, mas não conhece nada sobre meu passado.

— Está certo...

— Gosta de ter nas mãos o poder de decidir se uma pessoa vive ou não?

— Abaixar a arma, Thiago.

— Relaxa. Você queria que eu sentisse o seu poder. Concordo que é muito sombrio estar do lado de cá. Se eu beber do poder um pouquinho a mais, bum.

— Ok. Abaixar a arma, doutor.

Thiago destrava a pistola.

Aluízio ergue as mãos devagar. O que vê nos olhos do psicólogo faz com que seu coração bata mais forte. Se morrer ali, quanto tempo levará até descobrirem sua esposa presa na dispensa?

O policial tenta trazer à mente o protocolo da profissão. A distância o impede de desarmar o oponente.

— Você acha que esse poder é abusivo?

— Doutor...

— Responda minha pergunta! Não é abusivo o meu gesto? — engrossa Thiago.

— Sim.

— Não é um ultraje eu ter nas minhas mãos o poder de decidir se quero que você viva ou não?

Aluízio passa os olhos pelo cômodo, avaliando as possibilidades de distrair o psicólogo. Precisa obedecê-lo, entrar no jogo, conduzi-lo.

— Terá que lidar com consequências depois.

— Eu não quero falar sobre as consequências. Quero falar sobre o que acontece se eu puxar o gatilho agora. O que acontece se eu resolver explodir sua cabeça agora mesmo?

— Você terá DNA por toda a sala. É um homem negro atirando em um policial. Diploma algum poderá salvá-lo.

— Então você concorda que não cabe a mim decidir se você vive ou não?

— Eu concordo. Essa decisão é minha. A vida é minha.

— Então por que está privando sua esposa de viver da forma que ela quer?

— Porque ela é minha mulher.

— E você é meu paciente.

Thiago apruma os movimentos uma última vez, pronto para atirar.

— Isso me dá o direito de te obrigar a viver como eu quero? Você é propriedade minha?

A pergunta invade Aluízio com a pressão da bala que Thiago nunca atirou. O cheiro da urina emplastado no quarto feito de cativeiro. O cabresto invisível enrolado em seu pescoço denominando-o como propriedade do pai. Toda aquela merda agora reproduzida por ele sem que pudesse notar as lembranças soterradas nos becos escuros da mente.

— Eu sou como o meu pai, que era como o meu avô — confessa Aluízio, com um sorriso amargo.

— Você é tão diferente assim?

Thiago não demora para abaixar a arma e voltar a respirar com tranquilidade.

Aluízio nem se importou em dominar o revólver ou algo do tipo, tamanha a ferida estourada na consciência.

— Todos nós, homens pretos, temos que lidar com uma série de monstros particulares. Eles tiveram acesso ao nosso ego. Nós os criamos sem nunca querer. Cabe a nós quebrar esses ciclos.

Thiago se aproxima de Aluízio e entrega-lhe a pistola com um estranho olhar de agradecimento.

— Pare de projetar seus pesadelos em seus relacionamentos. Sua esposa não tem a mesma história que você, Aluízio. A liberdade dela não deveria ser uma ameaça.

Aluízio desvia o olhar para a companheira de trabalho em suas mãos.

Leva um tempo até voltar a falar e, quando pergunta, ainda não consegue encarar nada além do vazio.

— O que acha que eu devo fazer com ela agora?

— Você algema pessoas, mas não tem as mãos livres. Tranca pessoas em cadeias, mas sua mente vive em uma eterna prisão. Não é sobre ela, Aluízio. É sobre você. O que você acha que deve fazer consigo mesmo agora?

Aluízio empurra saliva para dentro. O coração do tamanho de um carço de abacate.

— Me diga você. — Foi o que conseguiu dizer.

— Você está preso aí dentro. Não grita. Não esperneia. Não sente. Mas está morrendo e só há uma forma de acabar com isso. Use a chave.

Meia hora depois, Aluízio chega em casa, vai até a dispensa, tira a chave do bolso, destranca a porta, caminha até a esposa e, quando cai de joelhos, libera a represa da alma.

Lá fora, uma sirene de polícia grita. Aluízio não se importa. As lágrimas nunca derramadas desde a prisão da infância escorrem por seu rosto provocando soluços e convulsões.

De pé, Regina observa-o por um longo momento. Então, ela ajoelha a sua frente e revela uma chave igualzinha à que Aluízio usara há poucos minutos. Com a expressão cansada, a mulher passa os dedos no rosto molhado do homem, experimentando a textura do choro nunca visto, em um gesto de despedida.



sabonete

I.

Wagner girou o registro enferrujado e deixou a água da ducha cair forte. A sensação de relaxamento foi instantânea, abafando um pouco o falatório dos moleques. Diziam que as mulheres é que falavam pelos cotovelos, mas nada disso fazia muito sentido para ele quando se reunia com os colegas. Principalmente, num evento como aquele, um acampamento escolar.

Os garotos do nono ano tinham os hormônios à flor da pele. Naquela idade, entre os treze e quinze anos, tudo mudava muito rápido. As transformações no corpo de um rapaz adolescente costumam ser como um tiro no escuro e eles demoram a saber como ficarão no final. Na turma de Wagner, alguns espichavam, outros ganhavam penugem no rosto, outros lutavam contra a acne. A grande maioria ficava mais boboca do que nunca e qualquer fala de duplo sentido poderia gerar horas de riso e provocação. Uns ficavam desengonçados, outros introvertidos, alguns sentiam a voz engrossar e ainda havia aqueles que passavam a apreciar o selvagem prazer de ir pra escola sem cueca por baixo do short. Todos, sem exceção alguma, tinham os desejos da carne lhes possuindo o corpo à procura de alimento para além da imaginação.

No paredão das duchas, onde todos os rapazes eram obrigados a tomar banho sem qualquer privacidade, Wagner esqueceu os sons ao redor, perdendo-se em um momento quase que de paz. Enquanto se ensaboava para remover a incha do futebol no campo, pensava no efeito transcendente sentido na noite anterior quando experimentou o cigarro de maconha pela primeira vez. Precisou lutar contra o desespero de parecer chapado, afinal, nem mesmo os monitores poderiam sequer imaginar o que os caras mais velhos, da 903, tinham levado para o sítio da escola.

Wagner lembrou da vontade de rir o tempo todo e de ver o tempo passar em um looping lento e infinito. Pensou em como seu corpo ficou sensível aos extremos e, de repente, ali no chuveiro, lembrou-se dos lábios apaixonantes de Rebeca. Queria tanto beijá-los, que daria qualquer coisa para ter um momento de intimidade com ela. Nunca tinha tocado os lábios de uma garota, tampouco se sentira desejado por uma. Sua mãe dizia que ele era muito bobo para coisas do tipo e não conseguia perceber o quanto algumas delas arrastavam asas para ele. Wagner considerava a baboseira como lorota de mãe protetora e nada mais, afinal, todas elas enxergam beleza em seus filhos mesmo quando eles nascem como o Urias do sétimo ano, com cara de jacaré.

O fato era que, quando ninguém via, Wagner testava seu primeiro beijo. Na cabeceira da cama, ele esfregava os lábios, imaginando oferecer à Rebeca um beijo colante e sensual, mas tudo o que podia sentir de volta na língua era o gosto de madeira chupada. Ficava impregnado por horas, como nas vezes em que, quando criança, ele chupava as pontas das roupas estendidas no varal.

Wagner já tinha testado em espelhos, nas curvas de um funk pop e usando os dedos indicador e médio para simular uma boca. Bastava um pouco de imaginação e... pronto, tinha os lábios de Rebeca nos seus e até passava as mãos entre os caracóis do cabelo dela com cheiro de xampu de framboesa...

— Coé, negão, deixou o sabonete cair — disse Caio, o colega ao lado. Por algum motivo, a maioria dos garotos naquela idade falava alto e em alvoroço.

Wagner se assustou de leve e logo se viu envolvido pela onda de zoação. Aquilo funcionava do mesmo jeito que ser pego desprevenido na praia por uma onda repentina, se ela escolhesse você, a melhor opção não seria fugir, mas nadar junto ao curso da crista. Entre os meninos, a regra sempre fora tão idiota quanto sagrada: se um sabonete escorrega durante o banho, os garotos não podem se abaixar para pegá-lo, porque se o fizerem, terão a masculinidade discutida — embora eles usassem termos mais práticos.

— Bora, abaixa aí — brincou um deles.

— Eu sei que tu quer — instigou um outro com risadinhas insinuantes.

— Olha aí. Tá grandinho já — disse Cabeludo, apontando para as partes baixas de Wagner.

Sempre havia alguém com um comentário infeliz capaz de mudar o curso da onda acidentalmente para si mesmo. Assim, uma bomba de “hmmm” explodiu para André, conhecido como Cabeludo, seguida por uma saraivada de gargalhadas. Enquanto alguns garotos chegavam a se dobrar de rir, Wagner aproveitou para correr até sua mochila, disfarçando o volume crescente do membro. Nunca mais pensaria nos lábios de Rebecca em público.

— Vai deixar o cara ficar te manjando, Wagner? — disse Fabinho, um dos alunos mais velhos e respeitados da 903. Tinha a pele clara, os olhos de mel e, por causa dos músculos espalhados pelo corpo inteiro, se autodefinia como o “Terror da mulherada”.

Wagner enrolou uma toalha na cintura e franziu a testa. Não sabia muito bem se os meninos da turma aclamavam Fabinho na esperança de conseguir pegar a sobra das meninas que ele beijava, ou se queriam lambe-las. O fato era que os alunos não queriam tê-lo como inimigo. Ninguém costumava desobedecê-lo, tampouco Wagner.

— Pô, coé, Cabeludo, vai ficar de olho no pau dos outros, viado? — brigou Wagner.

Cabeludo, doido pra escapar do curso da onda, empurrou-a de volta.

— Você chama isso aí de pau? Nem parece que tu é preto.

— Vai se foder — xingou Wagner, atingido.

Wagner revirou as coisas na mochila sem sentido algum. Em silêncio, torceu para que o momento acabasse, mas Cabeludo caminhou pelado em sua direção, disposto a perturbá-lo.

— Aposto que tu nunca nem usou isso aí — disse ele.

— Quer que eu use em você?

“Hmmm”, “Uuuuu”, “Aiii” e “Ssssss” ecoaram por todo o banheiro. Os garotos ao redor pareciam assistir a uma briga de galo. De repente, Fabinho aproximou-se dos dois esquentadinhos e fez a maior cara de interrogação para Wagner.

— Não, pô. Fala tu. Quem tu já comeu? — perguntou Fabinho.

Sem as duchas ligadas, a pergunta do Terror da mulherada ecoou pelo banheiro, que, em seguida, foi tomado pelo silêncio. Se tivesse a pele clara como a de Fabinho, Wagner teria ficado vermelho como um pimentão. Gaguejou, abaixou a cabeça e fingiu procurar algo na mochila enquanto os outros garotos se entreolhavam, rindo.

— Tu é virgem, moleque? — quis saber Fabinho.

— Claro que não — Wagner apressou-se em dizer.

Cabeludo aproveitou para instigar dizendo:

— É sim, tá na cara, pô.

Wagner engoliu em seco, irritado. Se os amigos soubessem que em seu ranking de língua mais gostosa estava a madeira da cabeceira e os bonecos de super-herói...

— Vai me dizer que todo mundo aqui já comeu alguém? — redarguiu Wagner, mas a voz saiu mais baixa do que gostaria.

Os rapazes riram como se ele estivesse equivocado. Alguns exibiram um vislumbre de insegurança no olhar, mas disfarçaram estufando o peito, rindo pelo nariz e empurrando a onda para Wagner com olhares de deboche.

Wagner decidiu voltar à caça ao nada dentro da mochila.

— Teu pai nunca te levou num puteiro? — perguntou Fabinho.

— Tá maluco — respondeu Wagner sem coragem para levantar a cabeça.

Mas então, como pouquíssimos teriam autonomia para fazer, Fabinho deslizou até Wagner e passou um braço por cima de seus ombros. Ambos tinham apenas toalhas cobrindo-os e, por isso, somente um cara como o Terror da mulherada poderia usar de gestos como aquele sem atrair a onda de zoações.

— Cara, tu sabia que se esfregar muito sai leite? — perguntou Fabinho.

Tudo acabado. Os caras voltaram a explodir em risadas como se nunca tivessem ouvido algo tão engraçado. Wagner observou o modo como, naquela praia, Fabinho era medalhista de ouro no surf.

— Coé, me deixa em paz — pediu Wagner.

Fabinho apertou o braço em torno dele. Os meninos fizeram silêncio à espera de uma nova zoação.

— Não, não, tu tá pensando que vai aonde, cara? — disse Fabinho. — Esse aqui é o lugar. Aqui é tua oportunidade, meu mano.

— Cara, desiste. Esse moleque aí nunca nem deve ter beijado na boca — disse Cabeludo.

— Calma aí, isso não é verdade — disse Fabinho em tom de defesa.

Por um segundo, Wagner encolheu os ombros no ápice do seu desconforto. Mas ali, tão colado a Fabinho, não teve como escapar de seu olhar avaliador. Ameaçou sair, mas o cara o apertou mais ainda.

— Mano, relaxa — disse Fabinho, de repente, em um tom muito sério —, se tu é BV, agora tá andando com as pessoas certas, tá ligado? Você está no lugar certo, com as pessoas certas.

Imediatamente, a atmosfera mudou. Wagner teve a impressão de que todos os colegas da turma não passavam de marionetes de Fabinho.

Os olhares que o atingiam com escárnio há um segundo, agora, transmitiam um tipo de coragem por conta da forma como o líder manipulava a cena.

— Quer perder esse BV? — perguntou Fabinho.

Wagner pensou em Rebeca. E se a influência de Fabinho lhe entregasse seu maior desejo?

— Quer ou não quer, porra? — engrossou o líder.

Wagner confirmou com a cabeça.

— Então fala alto.

— Quero, pô — disse Wagner, ainda desconfortável.

— Tu já tem treze anos, não tem?

— Catorze.

— Dá no mesmo — disse Fabinho. — Tá na hora de mostrar que tu é macho. Que é tu que manda nessa porra, sacou? Então fala alto.

— Saquei — obedeceu Wagner.

Fabinho, finalmente, abriu um sorriso.

— Você vai perder esse BV neste acampamento, nem que seja à força.

Wagner confirmou com a cabeça, mas, no fundo, por mais que quisesse beijar a boca de Rebeca e que a influência de Fabinho fosse o bem mais precioso para um aluno apagado como ele, naquele momento, gostaria de não depender de alguém para ser.

II.

O ônibus de viagem tinha estacionado no portão do sítio na noite anterior, uma sexta-feira com o céu estrelado e, finalmente, com barulhinhos de grilo por toda parte. Todos os anos, a escola Carlota Aquino promovia o mesmo passeio para os alunos do último ano do Fundamental. Não era um passeio como as chatas visitas aos museus do

centro do Rio e à Assembleia Legislativa do Estado. O acampamento de despedida para o desejado Ensino Médio era a saída mais aguardada de todos os tempos. Os alunos ouviam falar sobre aquilo desde o primeiro ano no colégio e sonhavam com o fim de semana em que aproveitariam, como bons veteranos do Fundamental, os privilégios de viajar para um sítio desconhecido, fazer fogueira à noite, se jogar na piscina, jogar futebol e se pegar às escondidas.

Wagner ainda guardava dentro de si a explosão de excitação por estar ali, como todos os alunos. Os repetentes passaram o ano fazendo a maior propaganda do acampamento. Diziam que rolava o melhor tipo de comida, karaokê, festas surpresas e correio do amor. Isso sem contar a oportunidade de avaliar o corpo das meninas da 901, 902 e, principalmente, da 903, as mais velhas, de biquíni. Rolavam boatos de que alguns alunos repetiam de propósito só para reviver a experiência única do acampamento. Diziam também que os monitores nunca conseguiram conter as escapadas à noite e que uma das meninas mais bonitas da 903, a Sabonete, avisou que daria para um rapaz de cada turma.

Em um espaço aberto e repleto de mesas e cadeiras, Wagner aguardava a fila do lanche se mover. O sol ainda não tinha ido embora e, além do ar puro da vegetação, o ambiente estava tomado pelo cheiro de misto-quente. Uma dezena de cozinheiras trabalhava numa cozinha improvisada para preparar o lanche dos alunos. Eles pegavam uma bandeja com o sanduíche e uma bebida, e se encaminhavam para seus grupos de amigos, como na escola.

De longe, mas estranhamente de perto, em seu passatempo favorito, Wagner observou o sorriso de Rebeca. Desejou ser o fio de queijo derretido, esticando-se entre o misto-quente e os lábios da garota. Achava linda a espontaneidade dela quando se expressava para as amigas e não precisava ansiar pelo momento da piscina no dia seguinte para admirar aquele corpo. Se pudesse...

— Então é ela, né? — sussurrou Fabinho no pé do seu ouvido.

Wagner endireitou o corpo e vagou com o olhar para qualquer lado. Fabinho, furador de fila, espetou a costela de Wagner com uma leve cotovelada.

— Tá caidinho, hein.

— É tão nítido assim?

— A Rebequinha ali, não é?

Wagner não gostou de ouvir “Rebequinha”. Até onde ele sabia, Fabinho não tinha intimidade alguma com Rebeca. Aliás, era uma das poucas garotas que não parecia nem aí para o garanhão do nono ano.

— Fala baixo, cara — reclamou Wagner.

— E aí? Quer que seja com ela? — sussurrou Fabinho no ouvido de Wagner.

— Como assim, cara? — perguntou Wagner sem conseguir evitar a direção da garota. De repente, os olhares se cruzaram. Rebeca tinha olhado para ele poucas vezes naquele ano e ele tinha certeza do motivo: ela devia ter descoberto o quanto ele era a fim dela e, como ela não queria nada com ele, foi simpática o suficiente para evitar suas investidas em fazer trabalho junto ou algo do tipo.

— Ela nunca vai querer.

— Próximo — disse uma das senhoras do outro lado do balcão.

— E como tu sabe disso? — perguntou Fabinho em um tom de divertimento. — Já tentou?

— Você já tentou? — alfinetou Wagner.

— Queijo com presunto, querido? — perguntou a senhora.

— Por favor, tia — respondeu Wagner, contente com o silêncio de Fabinho.

A mulher apresentou um copo de mate gelado e outro de guaraná natural. Ele escolheu o mate e ela começou a separar seu sanduíche.

De costas para Rebeca, pensou em seu olhar. Ter Fabinho em sua cola poderia, de fato, ser um chamariz, e qualquer virgem de boca, tímido como Wagner, daria a vida por isso.

— Você sabe do que elas me chamam, não é? E, cara, não é por causa da moto nem nada. É papo de atitude, tá ligado? Vai lá, pô — disse Fabinho ao seu lado.

— Depois eu vou.

— Vai agora, moleque — disse Fabinho, de repente, em tom de ameaça.

— Eu tô na tua cobertura aqui, pô. Já viu alguma mina intimidar algum amigo meu? Hã?

Wagner respirou fundo. Do lado direito da cabeça, um diabinho dizia que nunca teria uma chance melhor de se aproximar da garota. Do lado esquerdo, outro diabinho mandava-o socar a cara de Fabinho.

Uma nova atendente chegou até Fabinho com um sorriso atrevido.

— Lembro de você aqui no ano passado e no retrasado — disse a senhora do balcão.

— É que é muito gostoso, tia. Todo ano eu venho aqui só pra comer esse sanduíche — disse ele, elevando o tom da voz para ser ouvido.

Alguns funcionários e alunos acharam graça. Várias cabeças se voltaram para o Terror da mulherada, incluindo a de Rebeca.

— Ela tá olhando pra mim. Vai lá agora.

Wagner recebeu seu misto-quente, apoiou-o junto ao mate na bandeja, prendeu a respiração e caminhou até a garota. Para si, o caminho transformou-se em uma milha. Teve a impressão de que todas as pessoas do acampamento observavam cada passo seu.

— Oi. E aí? — disse ele, sem graça.

Diferentemente das duas amigas sentadas, uma em cada ponta, Rebeca se esforçou para não sorrir. Ficaram sem ter o que dizer um pro outro. Ainda sentindo o calor dos olhares do mundo, Wagner obrigou-se a dizer qualquer coisa para escapar daquele papel ridículo, porque era nítido o que Rebeca sentia por ele: pena.

— Tá bom o misto-quente? — perguntou ele, odiando-se ainda mais.

— Quer sentar com a gente? — ela disse como se por pura obrigação. No entanto, antes de Wagner se manifestar, as amigas não disfarçaram o incômodo.

— Ah, bom, tá ocupado. Uma amiga nossa...

— Ah não, tranquilo — interrompeu ele.

Pigarreou e tentou adicionar um pouco mais de grave à voz.

— Eu vim te falar que, se vocês quiserem colar com a gente mais tarde... tamo aí.

— Colar com vocês? — falou Rebeca.

As amigas dela abafaram risinhos, mas não de euforia. Por fim, Rebeca olhou para Fabinho que, à distância, movimentava-se para a mesa dos garotos do futebol.

— Não sabia que você andava com ele.

— É.

— Pode mandar um recado pra mim?

Mesmo cansado de parecer um idiota, Wagner tentou sorrir.

— Tranquilo.

— Fala pra ele que a Marina tem amigas e que se ele mexer com ela outra vez, ele vai finalmente me conhecer. E não vai gostar.

Nos olhos de Rebeca, Wagner encontrou um desgosto amargo. Marina era a garota com óculos de fundo de garrafa sentada ao lado dela. Tinha ficado em primeiro lugar na lista das garotas mais feias da 901, e Wagner não podia sequer imaginar o que Fabinho tinha aprontado com a menina.

Escaneou o ambiente à procura de um lugar escondido para sentar-se, mas Fabinho o chamou com um gesto animado e, como os olhares curiosos espiavam, Wagner decidiu obedecê-lo outra vez. Sentou-se de frente para o repetente popular e empurrou goela abaixo a vergonha misturada com o orgulho ferido.

— É assim que se faz, mano — disse Fabinho, dando um tapinha nas costas de Wagner.

— Negócio de pescar com vara não dá certo, não. O papo é jogar a rede na cara dura, tá ligado?

Mastigando seus mistos lotados de queijo quente, os caras da mesa concordaram como se Fabinho tivesse dito a filosofia de um grande pensador. Wagner também mordeu seu sanduíche, mas com o olhar baixo. Avaliou se valeria a pena passar o recado de Rebeca, se valeria a pena sentir-se tão triste, porque, agora, mais do que nunca, as chances com ela haviam se esgotado.

Retirando Wagner de seus devaneios, Fabinho inclinou o corpo para perto dele e falou como se tivesse notado seus pensamentos.

— Wallace, tu gosta só de pretinha ou gosta de mulher?

— Quê?

— Quero dizer... curte qualquer tipo de mina?

O filho da mãe nem fazia questão de saber seu nome, notou Wagner.

— Ah, depende. As bonitas, de preferência.

Fabinho abriu um sorriso, embora seu olhar estivesse preso em alguém adiante.

— Boa, padrinho. Vou te colocar na fita de uma mina que fácil, fácil, se bobear, tira tuas duas virgindades. Tá a fim?

Wagner engoliu a respiração cansada e não precisou acompanhar o olhar do novo amigo para saber de quem se tratava. Yara tinha nome de sereia, mas, entre os meninos, seu apelido era Sabonete.

III.

Wagner deu duas baforadas na mão em formato de concha à frente da boca. Aprovou o hálito, nervoso. Não poderia demorar muito por conta da ronda dos monitores, mas valeria a pena, porque... Nossa! Nunca poderia imaginar que seu primeiro beijo seria em uma garota como a Sabonete e isso fazia suas pernas bambearem. Por ser bem mais velha e experiente, ela saberia como colocar a língua, isso se chegassem nesse estágio. Sem olhar para trás uma última vez, Wagner dobrou a esquina cheia de medo e girou para os fundos do dormitório dos rapazes.

Iluminada pela luz da lua, a garota conhecida entre os meninos como Sabonete fumava um cigarro com as costas na parede de blocos de concreto. O cabelo loiro, descolorido, caía como uma cascata meio seca e meio lisa. O short jeans deixava as pernas à mostra, mas um largo blusão xadrez abotoado cobria os braços por inteiro.

Wagner coçou os dedos da mão, perdido. Não queria demonstrar inexperiência ou timidez, precisava se mostrar bom naquilo, afinal a propaganda da garota poderia mudar seu futuro no colégio. Quem sabe não chamasse a atenção de Rebeca.

Ainda com as costas na parede, a garota liberou pela boca a fumaça do cigarro e Wagner já chegou fechando as duas mãos apressadas na cintura dela.

— Pera, pera. Tá maluco? Tá fazendo o quê? — disse ela, afastando-o com uma das mãos.

Wagner congelou.

— Eu achei que... — a voz dele foi morrendo.

Ela observou-o com um leve desprezo, mas, enfim, sorriu.

— Vai devagar, ok?

Wagner procurou um lugar para colocar as mãos, mas, desta vez, em seu corpo. Por fim, enfiou-as no bolso.

— Foi mal.

— Não, tudo bem.

A garota tragou o cigarro olhando para a lua. Saboreou o silêncio enquanto Wagner, desajeitado, resolveu encostar-se na parede como ela, perto o suficiente para sentir seu irônico cheiro de sabonete, ainda que ela estivesse fumando.

— O Fabinho fez uma propaganda de você. Eu não sabia que vocês eram amigos — começou ela.

— Ele é um idiota — disse Wagner, balançando a cabeça de leve e rindo pelo nariz.

A fala arrancou um sorriso da garota. Pela primeira vez, ela contemplou-o com algum interesse.

— Gostei de você.

Ele riu e, de repente, também quis saborear o silêncio. A luz estava linda e transformava os cabelos da garota em fios de prata.

— Você é meio sozinho, né? — perguntou ela.

— Não tanto. Eu... sou normal, sei lá. Andava muito com o Pedro antes de ele ir pra 902 — respondeu ele.

— Por que os homens amam tanto os homens? — perguntou ela, encarando-o com um olhar de mistério, pendurando o cigarro entre o dedo médio e o indicador.

— Quê? Tá dizendo que a gente se ama porque anda junto?

— Aparentemente, sim.

— Mas vocês só vivem penduradas umas nas outras — disse Wagner com um sorriso.

— Mas também amamos homens.

Ela voltou a colocar o cigarro gentilmente entre os lábios, tragou, afastou a mão e assoprou fumaça.

— Olha, eu não sou gay, se é o que você tá pensando — disse ele.

— Puta merda, não é nada disso — disse ela, revirando os olhos. Um sorriso sacana escondido na boca —, só tô querendo dizer que vocês não amam a gente do jeito que vocês se amam. Vocês se admiram, enaltecem um ao outro, essa energia toda é tão... Você não entende isso, entende?

Wagner ponderou por um momento silencioso. Grilos estridulavam entre as árvores do lado de fora, embalando os pensamentos do rapaz. Wagner pensou em como Fabinho atraía os garotos e como eles tratavam-no. Chegou até a refletir sobre o quanto sempre teve dificuldade para fazer amizade com meninas, mas não sabia se compreendia a fala da Sabonete.

— Não sou tão feminista.

— Não precisa ser pra entender. A questão é que vocês nos tratam como se fôssemos inferiores — disse ela, antes de apontar o cigarro para ele.

— Eu não.

— Você quer fumar?

— Fumar causa impotência sexual.

Ela revirou os olhos e deu mais um trago, voltando-se para a lua.

— Consegue ver razão em alguma coisa além de sexo? Consegue entender o que eu digo? — insistiu ela.

— Não.

— Então me fala como é que eles me chamam por aí. Vai, fala. Tá com medo de mim?

Wagner observou-a de canto de olho.

— Sabonete — confessou baixinho, envergonhado.

— Sabonete, piranha, vagabunda — disse ela com normalidade —, só porque eu gosto de beijar garotos diferentes. Enquanto isso, quanto mais mulheres vocês pegam, mais pontos vocês ganham. Consegue ver sentido no que eu digo?

Wagner encolheu por dentro. Não fazia ideia de como contestar.

— Qual é o seu nome mesmo? — perguntou ele, ainda com a voz baixa — Desculpa.

— Yara.

— Você não vai me beijar, né?

— Depende. Gosta de beijo com gosto de cigarro?

— Já que você diz que eu me acho superior, vou me humilhar um pouquinho.

— Tá falando do quê?

Wagner afundou as mãos nos bolsos da bermuda. O date já estava uma merda mesmo. Estava na cara que nada rolaria e ele também se sentiu cansado de alguma coisa que não conseguia nomear.

— É o meu primeiro beijo — confessou ele —, com ou sem cigarro, eu vou gostar, porque você é a maior gata.

Yara começou a rir de chegar a tapar a boca com a mão. Wagner sentiu as bochechas esquentarem, encontrando o limite da humilhação.

— Aquele filho da puta tava falando sério — disse ela, ainda entre risos.

— Você tá aqui pra rir de mim?

Yara riu mais um pouco até que a satisfação se esvaísse feito a fumaça de seu cigarro. Quando voltou a assumir o olhar misterioso e provocativo, ela falou.

— Eu tô aqui, porque já vi você jogando futebol algumas vezes e você tem uma bunda muito gostosa.

— Não fode.

— O quê? Acha que só vocês, filhos da puta desgraçados, podem gostar de bundas? — perguntou ela, apontando o cigarro para ele como se quisesse acusá-lo. — Será que você pode dar à gente o direito de gostar de ver uma bunda? E não só de ver, ok? Por favor, vai...

Wagner precisou do tom irônico de Yara para entender que ela não estava tirando sarro da cara dele. De uma forma esquisita, sentiu-se lisonjeado por ser admirado por ela, ainda que fosse só por conta da bunda. Pela primeira vez, ele observou a beleza no sorriso despretenso à sua frente.

— Pega a minha, que eu pego a sua — tentou ele.

Ela deu-lhe um empurrão divertido com a mão direita e sorriu, voltando a encarar a lua.

— Gostei de você. Tem uma bunda bonita e é divertido — disse ela.

— Posso beijar você?

Ela não se deu o trabalho de olhá-lo.

— Seu nome é Wagner ou Wallace? Gosta de jogos? Quanto mais você demorar aqui, melhor vai ser pra sua reputação.

— Não tem graça em ficar aqui sem fazer nada.

— Mas — disse ela, encolhendo os ombros — estamos fazendo algo. Faz uma pergunta pra mim e eu te faço outra.

Ainda banhada pelo luar, Yara deu um sorriso de leve, mas Wagner não achou que ela estivesse a fim de sorrir. De repente, sentiu-se minúsculo por ter chegado ali conhecendo-a apenas como a Sabonete e não como uma garota legal.

Ela estava certa sobre como os homens tratavam as mulheres – e não eram apenas os adultos. Os homens estavam presos em teias infinitas tecidas há muito tempo e, por mais que ele sentisse um incômodo no próprio comportamento, nunca soube como ser diferente.

— Você é feliz? — perguntou ele.

A pergunta atingiu Yara como nenhuma outra. Ela encarou-o com um olhar atento e, ao mesmo tempo, distante. Pareceu pensar em muitas respostas, mas no final das contas, apenas disse:

— Eu não sei. E você?

Wagner balançou os ombros.

— Às vezes, eu sou uma farsa — disse ele.

Ambos se enxergaram um no outro.

— O que você esconde, que é virgem? — perguntou ela.

— Eu odeio ser virgem.

— Qual é o problema em ser um garoto virgem com 13 anos de idade?

— Vou fazer quinze.

— Tanto faz.

Ela tragou o cotoco de cigarro uma última vez, esfregou a ponta na parede de concreto e arremessou os dois para longe: a ponta e a fumaça.

— Todo mundo sabe que um garoto só é um homem depois que fode pela primeira vez.

— Tomo mundo sabe... então você não é um homem?

— Sou.

— Então...?

Wagner balançou a cabeça e suspirou, cansado de si.

— Sabe de uma coisa? Eu sempre achei muito difícil ser mulher com todas as regras e TPM e tabus do caralho, mas quando eu olho pra você... putz. Deve ser horrível ser homem e achar que o seu posicionamento no mundo se baseia pelo que você tem aí debaixo da calça.

Wagner balançou os ombros sem saber o que dizer.

— Você tem razão. É uma farsa. Quer saber por quê? Porque você é um dos caras mais legais do colégio e é por isso que eu nunca te beije.

— Quer me humilhar?

— Eu quero ser legal com você — respondeu ela, olho no olho —, mas se quiser sair por aí dizendo que me beijou ou que fizemos coisas a mais aqui, vai em frente. Só deixa eu te falar uma coisa: você tem cara de ter uma mãe incrível e ela ficaria muito feliz em saber que o filho dela, de catorze anos, não se define pela cabeça de baixo. Você não precisa ter transado pra ser um homem, precisa ter vivido. Vivido bem. Então pare de dar ouvido a caras babacas como o Fábio e fazer coisas estúpidas. Tá andando com um assediador e afastando garotas que realmente poderiam se interessar por sua bunda bonitinha e pelo seu coração. Tá me ouvindo? Porque essa porra desse discurso pode salvar seu futuro e fazer de você a porra de um homem legal. E quer saber? O mundo está cheio de caras ruins.

De repente, com um olhar lacrimojante, Yara quase colou o corpo no de Wagner e sua voz transformou-se em um sussurro firme.

— Eu quero que você seja homem, mas, principalmente, quero que você seja você.

Como em uma cena de filme, ela deu um leve beijo no rosto do garoto e desapareceu pelo caminho de volta.

Wagner ainda ficou ali por longos minutos, perguntando a si mesmo se tudo aquilo havia acontecido de verdade ou se não passava da própria imaginação, porque, por um instante, o peso da máscara que ele carregava no rosto diariamente não estava mais ali. E a sensação parecia boa demais para ser verdade.

Seja você.



pio

Leo odiava a tal rotina administrativa, ainda que suas habilidades para lidar com a contabilidade fossem muito apreciadas. Os amigos diziam que ele não podia reclamar. Ganhava bem, salário todo mês, plano de saúde, vale-alimentação, seguro de vida e tudo.

Às vezes, era obrigado a ficar depois da hora para dar conta das tarefas que Katrina, a chefe, jogava em seu e-mail faltando quinze pras cinco. Tinha de sorrir e dizer que daria conta. Precisava ignorar a dor nas costas provocada, em parte, pela pior cadeira do setor. Precisava silenciar a reclamação dos dedos do pé esmagados na droga do sapato. Nada dizia ao observar os outros funcionários se despedirem no horário em ponto. Nenhum deles dependia de um ônibus que passava de meia em meia hora, abrindo as portas para o atochado de passageiros pós-labuta.

— Dona Quitita, me prenderam aqui por mais meia hora e eu só vou conseguir chegar por aí lá pras oito. Segura o menino pra mim? — pediu Leo ao telefone.

Dona Quitita disse que sim, claro. Não adorava tomar conta do garoto, mas Leo sempre fazia questão de pagar na data certa, direitinho, com acréscimo e tudo.

Naquela sexta-feira, Leo contemplou a planilha em sua tela e enrugou a cara em um protesto cansado e silencioso. Só queria relaxar o corpo e a mente, pedir uma comida pra ele e pro filho, conversar no WhatsApp jogado no sofá e beber cerveja com a quase solidão e, quem sabe, ligar para Lucilene. Aquela pele macia e deslizante... Mas não. Trabalho simbolizava a preciosa fonte.

Obedeceu. Finalizou o serviço. Aguardou o *busão* no ponto lotado. Espremeu-se nas condições desumanas do transporte público: um sovaco azedo na lateral direita e, à esquerda, uma banha colada com a sua; a pélvis de alguém roçando por meia dúzia de passageiros até descer do veículo; o chiclete de desgosto mastigado entre os dentes de Leo; um batidão no ouvido, pra *sextar* nem que fosse apenas em sua imaginação.

Quando chegou à casa de Quitita, ele recebeu a paz costumeira. Acontecia quando via o filho depois de um dia inteiro. Uma coisa breve no peito, que só pai e mãe saberiam explicar direito, uma dose diária de alegria e amor

apenas por saber que seu filho existe e tem saúde, ninguém lhe fez mal nenhum, está alimentado, brincando sozinho, e está tudo bem.

Agradeceu à vizinha milhões de vezes pelo cuidado e partiu com Renatinho pra casa. Fez as perguntas de sempre. Tudo tão automático que enquanto Leo perguntava, pensava se as fórmulas nas planilhas estavam corretas, se havia cerveja na geladeira, em qual tipo de comida pediria e no futebol do dia seguinte.

A escola foi boa?

Tem exercício pro fim de semana?

Se comportou direito?

Ajudou a velha com a casa?

O filho respondeu como sempre. Pra tudo balançou a cabeça em sinal positivo.

Pelo menos alguma sorte eu dei na vida. Este menino não me dá trabalho algum, pensou ele.

Acendeu as luzes, escancarou as janelas para expulsar o bafo da casa e mandou o moleque ir pro banho logo. Deu um jeito rápido na cozinha, que estava cheia de louça acumulada, abriu um latão de Brahma e um aplicativo de pedir comida. Pensou na “Batata Frita da Carola”, entupida de cheddar, maionese, ketchup e farelo de mortadela frita se fingindo de bacon. Para Renatinho...

— Ô Renatinho! — berrou da cozinha.

Detestava chamar o filho de Renato, porque isso lembrava a mãe do garoto. Renata tinha colado um par de chifres na testa de Leo e viajado com um gringo para o exterior.

— Bora, Renatinho! Vem cá.

O menino não demorou a aparecer na entrada da cozinha. Tinha a pele mais escura do que a dele, pretinha igual à da mãe. O sorriso branquinho, mesmo sem escovar os dentes direito. A pele era preta e o menino era de ouro.

— Filho, o que é que você vai querer lá da Carola? Hoje é sexta-feira, de jeito nenhum eu pilho nesse fogão pra fazer comida. Hã? Fala.

Renatinho balançou os ombros com indiferença.

— Isso aí não tem, não. Fala o que você quer.

Renatinho nada disse.

— X-Tudo tem muita gordura pra você. Cachorro-quente? Batata? Não sei — sugeriu ele, já irritado.

— Fala, filho. Anda.

O gesto do menino chamou sua atenção: o olhar doce foi ao chão e os ombros também estavam caídos. A tristeza do filho expressa em cada centímetro do corpo.

Leo largou o celular na bancada e colocou as mãos na cintura, alarmado.

— Aconteceu alguma coisa, filho? Fala, Renatinho! É o quê?

O menino fez um bico torto. Balançou os ombros outra vez. Leo se aproximou e ficou de cócoras, de frente para o filho.

— Tomou porrada na escola? Tu *deixou* fazerem alguma coisa contigo?

O filho fez que não.

— Então é o quê?

Impotência. A sensação de não saber como acessar o universo do filho o ameaçou, como fazia algumas vezes. Um estresse debaixo da pele, no final das contas, transformava-se em ódio. Não pelo menino, por ele mesmo. Pelo passado, a história mal resolvida com Renata. Nunca imaginara seu futuro como um pai tão novo.

— Você não sabe mais falar? — perguntou ele, com a voz mais elevada. As mãos feito garras, grudadas nos braços do menino. Olhos arregalados.

Renatinho fez que não.

— Ah, não sabe? O gato comeu sua língua?

De ombros encolhidos, Renatinho se esforçou para tirar o olhar do chão e levá-lo para o rosto do pai. Abriu a boca, mexeu os lábios, tentou gritar. Não saía um sequer resquício de voz.

Leo descolou suas mãos do menino como se estivesse segurando uma coisa errada. Recuou o corpo com a testa toda franzida.

— Para de caô, Renato. A essa hora da noite. Porra, eu tô cansado. Fala alguma coisa agora!

O menino se esforçou para gritar, falar. Parecia uma televisão no modo mudo.

— Tá me dizendo que perdeu a voz?

Renatinho fez que sim. Leo revirou os olhos.

— Puta merda. Era só o que faltava.

Passou a noite inteira pesquisando no Google. O desespero batendo. Na Internet, diziam que o moleque tinha passado por um trauma, *mas que trauma o quê!* Conhecia o filho! Renatinho nunca fora de briga, era um molenga. Trauma coisíssima nenhuma.

A avó do menino, mãe de Leo, conseguiu ser pior do que pai dos burros online. Diagnosticou tudo como nódulos nas pregas vocais e profetizou: “Se o moleque não for levado ao médico logo, o câncer vai se espalhar pelo corpo inteiro em dias”.

Cruz credo. Ave Maria, cheia de graça... Rogai por nós, pecadores.

Leo apelou para a fé e quase rezou um Pai Nosso. Não tinha dinheiro pra lidar com uma coisa dessas. Câncer era coisa de gente rica e branca. Apesar da firmeza das opiniões, o medo de ver alguma coisa séria acontecer com o filho sequer o deixou dormir. Até esqueceu da cerveja e da Batata Frita da Carola e terminou a sexta fazendo um miojo de galinha caipira para os dois. Apagou na cama depois de refazer mil perguntas que o filho não sabia como responder. Tudo não passava de uma boca muda, um ombro balançando e uma cara de tacho.

No dia seguinte, Leo levou o menino em uma clínica médica 24 horas. Aguardaram por um tempo na recepção. Ele preferia nem olhar para a cara de Renatinho, pois, agora, ele lembrava Renata, sempre causando problema, sempre gerando despesa e dor de cabeça. *Mas que merda!* Não podia ter paz nem para a pelada de sábado?

Vinte minutos após preencherem a ficha, um homem alto, parrudo e vestido com um jaleco alvo chamou-o com um sorriso falso. Algo em sua cara detonava uma possível ressaca. Em questão de segundos, Leo entrou no ringue mental de comparações com o outro homem: *grana não é sinal de felicidade. Porra, mas aí é fácil demais. Ó lá! Trabalha três vezes na semana, tem tempo pra malhar. Crossfit, rolezinho na praia... Deve estar achando que tá fazendo caridade. Pra que andar com um relógio desses?*

— Tudo bem, papai? — perguntou a doutor quando se acomodaram na saleta branca.

— Tudo ótimo. E você? — saudou Leo, descendo dois tons da voz.

— Ele é o Renato? E aí, cara? Tudo certo?

Renatinho confirmou com a cabeça, intimidado.

— O que trouxe o senhor aqui? — perguntou o médico ao pai.

Leo não manteve o sorriso por muito tempo.

— Meu filho perdeu a fala — disse.

— Como assim?

— Eu perguntei umas coisas pra ele ontem e ele não respondia — disse Leo, sentindo-se um idiota. Não, um pai desnaturado. — Não se sabe como, nem nada.

O doutor encarou o pai como se não acreditasse em porcaria alguma. Decidiu inclinar o rosto para o moleque e impostar uma voz ultra mega power simpática.

— Fala alguma coisa pro tio aqui.

Tudo de novo.

Renatinho tentou, tentou, mas nada saiu.

O doutor não parecia convencido.

— Pera aí — disse ele, correndo até um canto da pediatria e catando uma lousa mágica, daquelas que se escreve e se apaga num piscar de olhos.

— Ele sabe escrever, pai? — perguntou o doutor.

Pai o cacete.

— Claro. Ele tá no segundo ano — respondeu Leo.

— Tá. Então... Tá vendo isso aqui, meu chapa? — brincou o doutor, entregando a lousa para o menino.

— O que o tio perguntar, você vai escrever a resposta aqui, tá bom? Vamos lá?

O menino olhou para o pai em busca de confirmação. Leo fez que sim, sentindo-se um otário por não ter tido a mesma ideia antes.

— Há quanto tempo você não consegue falar?

Leo sabia que o filho responderia balançando os ombros, mas Renatinho seguiu o propósito pelo qual todas as crianças nasceram: fazer os pais passarem vergonha. Ele simplesmente testou a caneta na lousa e escreveu:

“Eu não lembro”.

Leo fuzilou-o com o olhar.

— É normal eles darem mais atenção ao médico, pai. Aqui... Aconteceu alguma coisa nova na escola? Fizeram alguma coisa com você, Renato?

“Tudo normal”.

— O que é normal, não é mesmo? — Desta vez, a pergunta foi para o pai.

— Alguma situação diferente na rotina dele? Algo que possa ter causado estresse ou nervosismo?

— Não. Que eu saiba, não — respondeu o pai, quase ofendido.

— Você tem medo de alguma coisa, Renato?

“Caranguejo” — ele escreveu.

— Ele foi exposto a algum *caranguejo* durante a semana?

Leo não gostou nem um pouco da entonação do doutor ao dizer “caranguejo”. O que estava insinuando? Que ele não sabia cuidar do próprio filho?

O pai negou e a sessão durou mais cinco minutos com todos os tipos de perguntas. No final, o doutor tomou a lousa de volta, fez uma careta para Leo e disse:

— O nome disso é afasia. A vivência no colégio público, às vezes, é muito complicada. O ambiente da periferia pode trazer diversas mazelas e estresse social, até mesmo transtornos mentais.

Leo riu pelo nariz, descolou o traseiro da cadeira e puxou o filho pelo pulso.

— Olha só! Meu filho não tem problema mental, não, seu animal. Pra sua informação, a gente não mora na comunidade.

Leo encheu a boca e soltou:

— Racista de merda!

Até questão de pagar um Uber na volta pra casa, Leo fez. Provavelmente, para se livrar do preconceito no olhar do doutor branco. Acompanhava uns influenciadores digitais e muitos deles falavam sobre *coisas de preto*. Agora, andava muito bem informado e até sabia da possibilidade de o doutor jamais entender o quão preconceituoso estava sendo, contudo, não toleraria abusos.

Renatinho permaneceu quieto durante toda a viagem e, pela primeira vez em um longo tempo, Leo percebeu a enorme ponte entre ele e o moleque.

O lado dele cheio de cálculos, memórias perdidas, os beijos de Lucilene, preocupações com o trabalho, a rotina da vida, arrependimentos, a cerveja, a pelada e a agenda do filho. Trabalhar para sobreviver e não para viver. O lado do garoto estava mais para um matagal desconhecido.

Leo cruzou os braços, indignado. Não sabia sequer como se aproximar da ponte. *Quando foi que nos tornamos tão distantes mesmo tão perto?*

Cancelou a visita à casa da mãe e focou na ponte! Leo estava tomado da certeza de que, a qualquer momento, o menino voltaria a falar. Ele só precisava sentir-se livre. Coisa de criança. Era isso e ponto final.

Cercou Renatinho de liberdade: videogame à vontade; suco de caju a rodo; preparou uma lasanha, intercalando camadas de sabor e perfeição; levou-o ao shopping no domingo, enfiou-lhe uma casquinha mista pela goela, parcelou camiseta, bermuda e tênis – tudo em 10x – e voltou de Uber Comfort pra agradar. Tentou dar ao menino o espaço necessário para que a língua soltasse, mesmo checando de uma em uma hora. O esforço foi em vão, mas, durante a noite, em vez de simplesmente ver o menino passar pro quarto e dizer boa noite, chamou-o, beijou-o na testa e disse:

— Boa noite, cara.

O gesto pareceu-lhe estranho. Um antídoto para uma ferida naturalizada.

No primeiro dia da semana, fez questão de levá-lo à escola. Chegaram atrasados. Leo deu três soquinhos na porta da sala e chamou a professora com um gesto. Assustada, ela veio em sua direção e saudou Renatinho com um afago na cabeça. O menino escorregou para dentro da sala e a professora forçou um sorriso para Leo.

— Bom dia, professora.

— Bom dia — saudou ela, desconfiada. Era uma mulher amarelada, de meia idade, cabelos curtos e um vestido florido cafona.

— O senhor é o pai do Renato?

— Isso. Professora, a senhora notou alguma coisa diferente com o meu filho nos últimos dias?

A testa da professora assumiu alguns vincos.

— Como o quê, por exemplo?

— Bom... Ele perdeu a fala. É uma doença aí, vinda do estresse. Não sei se a senhora percebeu algo de novo nele...

— Sabemos disso — disse a professora com um olhar estranho.

— Acharmos que o senhor não gostaria de falar sobre o assunto. Nunca compareceu às reuniões, não atende aos telefonemas, não responde as mensagens do caderno. Nada.

— É que eu trabalho muito.

— Eu também — disse a professora, desgostosa.

Ambos se encararam sem saber o que falar, mas a professora decidiu continuar.

— O senhor nunca considerou a ideia de levá-lo para um colégio com crianças especiais ou algo assim?

— Quê? Não, meu filho não é nada disso. É só uma coisa de estresse. Levei ele ao médico no fim de semana.

— Ah, só agora levou ele ao médico?

— Por quê? Há quanto tempo ele está assim? — O coração de Leo batia com um leve descompasso. A paciência em despedida.

A professora riu sem querer acreditar.

— O Renato nunca falou. Ninguém aqui jamais ouviu a voz dele. Você quer dizer que ele não é mudo?

O chão de ardósia pareceu se abrir sob os pés de Leo. O coração acelerado. *Putá merda*. Autoritário, o pai empurrou a porta e andou até o filho, ignorando seu olhar de protesto. Colocou de volta na mochila o material já organizado sobre a carteira e puxou-a para si.

Ignorou os olhares e arrastou Renatinho para fora da escola. Longe o suficiente do julgamento estudantil, Leo flexionou os joelhos para ficar na altura do menino. Sacudiu-o com força.

— Bora! Você tem que falar comigo — exigiu.

Os olhos do menino se encheram de água. O bracinho tão fino que os dedos do pai completavam a volta ao agarrá-lo.

— Anda, Renato! Que história é essa de ser mudo? Você sabe falar. Por que tá me fazendo passar tanta vergonha?

As lágrimas escaparam pelos olhos do menino.

— Engole esse choro agora — ameaçou, falando entre os dentes.

Leo espiou ao redor, desconfortável com a cena.

— Tu é um homem, já! Chorando à toa. Engole isso. Você é o segundo homem da casa, cara.

Renatinho fungou e apertou a barriga por dentro, numa tentativa de impedir o choro.

— Você engoliu alguma coisa?

O filho assentiu.

— Tá na sua garganta agora?

Leo xingou. Se viu obrigado a discar para o trabalho e comunicar sua ausência. Duas horas depois, conseguiu atendimento em um ambulatório. Todos olhavam-no como se estivesse louco.

— Tem alguma coisa na goela do meu filho. Verifiquem a goela do meu filho! — dizia de dois em dois minutos.

E verificaram. Leo respondeu a todas as perguntas da médica. Viu seu filho passar por, pelo menos, quatro exames. Foi somente depois da ressonância magnética que a doutora o chamou novamente. Sentaram-se. Renatinho e Leo encarando a médica, uma mulher negra, de cabelos presos e batom cor de rosa.

— Não gosto muito de dizer isso, mas, pai, o senhor tinha razão. O Renato engoliu algo, sim — disse ela, com a voz grossa e rouca.

Eu sabia! Eu sou pai, pô.

— É o quê, doutora? Como é que vão tirar isso dele?

A mulher sorriu.

— É um pouco mais complicado, pai — contrapôs a doutora. — O que ele engoliu quebrou lá dentro.

Leo arregalou os olhos. Alarmado, olhou para o filho. O menino desviou o olhar carregado de culpa.

— A boa notícia é que vocês vão poder resolver isso em casa — avisou ela com um sorriso.

Os dedos fizeram uma receita médica deslizar pela mesa em direção aos pacientes.

— Esse tipo de coisa é muito comum em diversas configurações familiares. Isso aqui é um chá-de-solta-a-língua. É um chá caseiro e supimpa! Faz tudo o que está na receita, segue tudo certinho, que ele vai ficar bom, ó, num estalar de dedos!

O olhar de Leo correu desesperadamente pelo papel. Anotou tudo em mente. Cada letra esquisita reluzia como um sol a queimar a opressão dos últimos dias.

Era a receita mais esquisita que ele já vira em toda a sua vida. Até duvidou, mas se uma médica daquele porte estava dizendo, preferia obedecer. Uma doutora negra merecia todo o respeito.

Passou no hortifrúti e comprou todos os ingredientes: amora madura; arroz negro; chocolate em pó; repolho roxo; jabuticaba. Tudo coisa fina. Quando chegou em casa, mandou Renatinho ir para o banho. Preparou o chá, fazendo cara de vômito.

Cruzou os braços na cozinha, recostou-se sobre a pia e aguardou. O medo e a excitação assaltando-o a todo momento.

Era um péssimo pai? Quase tudo o que fazia na vida era para o filho. O trabalho incessante para pagar escola, comida, roupa, passeio, tudo o que não teve quando pequeno. Poucas pessoas no mundo conheciam de verdade as dificuldades de se criar um filho sozinho, sem a presença da mãe.

Tinha falhado em sua missão? Em que momento as coisas tinham começado a desandar?

O peso sobre suas costas prolongava-se por muito tempo. As feridas escondidas embaixo do tapete. A solidão alastrada no peito e disfarçada com papos rasos, trabalho e filme de ação de vez em quando.

De repente, Leo permitiu a si o que não permitia ao filho. Uma rara gota escapou de seu olho, salgada como o mar. Ele levou o ombro até o rosto para secá-la. Inalou o cheiro exótico do chá.

Renatinho apareceu na entrada da cozinha e o pai conduziu-o até o sofá da sala apertada.

— Não tá tão quente. Pode beber tudo.

O menino anuiu com cara de nojo.

Leo travou a mandíbula por alguns segundos, prendendo o choro que queria retornar. Renatinho, seu filho, era tão bonito! Pretinho como a noite mais escura. Os olhos redondos e alarmados. O nariz pontudo. A pele de bebê.

Ele nem percebeu quando sua mão direita escapou para o rosto do filho, alisando-o de leve, desenhando os formatos do rosto com os dedos, aguardando até que ele sorrisse de leve e balançasse a cabeça, desviando-se do toque do pai.

O sorriso derreteu-o por dentro. Seu filho não era mudo, algo tinha o silenciado. Faria de tudo para recuperar o tempo perdido.

— Beba.

O menino segurou a caneca com as duas mãos e ingeriu o líquido preto. Uma bebericada transformou-se em um gole. E outro. Mais outro. Bebeu até esvaziar a caneca. Então veio a ânsia de vômito. Tão forte e rápida que Renatinho não conseguiu se levantar. No chão da sala, despejou o vômito como Leo nunca antes vira. Um líquido branco e espumante espalhando-se pelo taco com cheiro de azedume.

O pai assistiu à cena com certa aflição. Chegou a investigar o vômito com os olhos, a procura do objeto quebrado, mas nada encontrou. Renatinho apenas secou o queixo empapado de espuma.

— Me sinto feliz — disse ele.

Leo escondeu o sorriso. A voz infantil do filho revigorando todo seu interior. Naquele momento, Leo teve a certeza de que não ouvia o menino de verdade há incontáveis meses.

— Filhão — disse Leo enquanto os dois se olhavam em uma felicidade estranha. — Ainda tem alguma coisa presa na garganta? O que é?

— Os nomes que eles me chamavam.

— Nomes? Aonde? Na escola?

— Sim — Renatinho deixou um sorriso tímido escapar. Parecia gostar de ouvir a própria voz, em vez de confirmar tudo com movimentos de cabeça.

— Que nomes?

De repente, a expressão de Renatinho anuviou-se. Ele fugiu com o olhar por um tempo e precisou tomar coragem para continuar:

— Eles me chamavam de “cocozinho” ano passado. Depois, meu apelido virou “valão”, “boca de valão”.

O pai sentiu o coração trincar de ódio.

— Eles quem, meu filho?

— Todos eles.

— E por que você nunca me contou nada?

— Eu tentei, mas eu sentia vontade de chorar e o senhor me mandava engolir o choro e não dar nem um pio.

Leo engoliu em seco. Desviou o olhar para o chão, envergonhado. Quando falou, nem tinha mais o tom mandão, como se o filho tivesse subido para um degrau superior ao seu.

— E o que é isso no chão?

— Eu engoli sabão de coco.

— O quê? Por quê?

— Pra ficar mais branco.

Leo encarou o filho com um vazio no olhar. Abraçou-o como não fazia há muito tempo. Ficaram os dois colados, em silêncio, transferindo um para o outro uma energia inexplicável. Coisa paterna. Coisa divina.

Quando deixaram de abraçar, Leo segurou o rosto do filho e olhou-o profundamente. Viu a luz da lua no olhar de Renatinho. Um mundo incrível a se desbravar.

— Você é tão lindo, meu filho. Não deixe que ninguém coloque o contrário na sua cabeça. Preto é lindo. É isso o que nós somos. O pai ama você.

A ponte entre os dois se encurtou bastante. Dali pra frente, pai e filho seriam bons amigos.

A receita, Leo nunca mais encontrou. Durante longos meses, todas as noites, depois de colocar o filho para dormir, o pai se deitava na cama de casal com o estranho pressentimento de ter lido tudo errado.

É que as palavras da receita eram mágicas. E, no fundo, ele não poderia imaginar o que estava escrito:

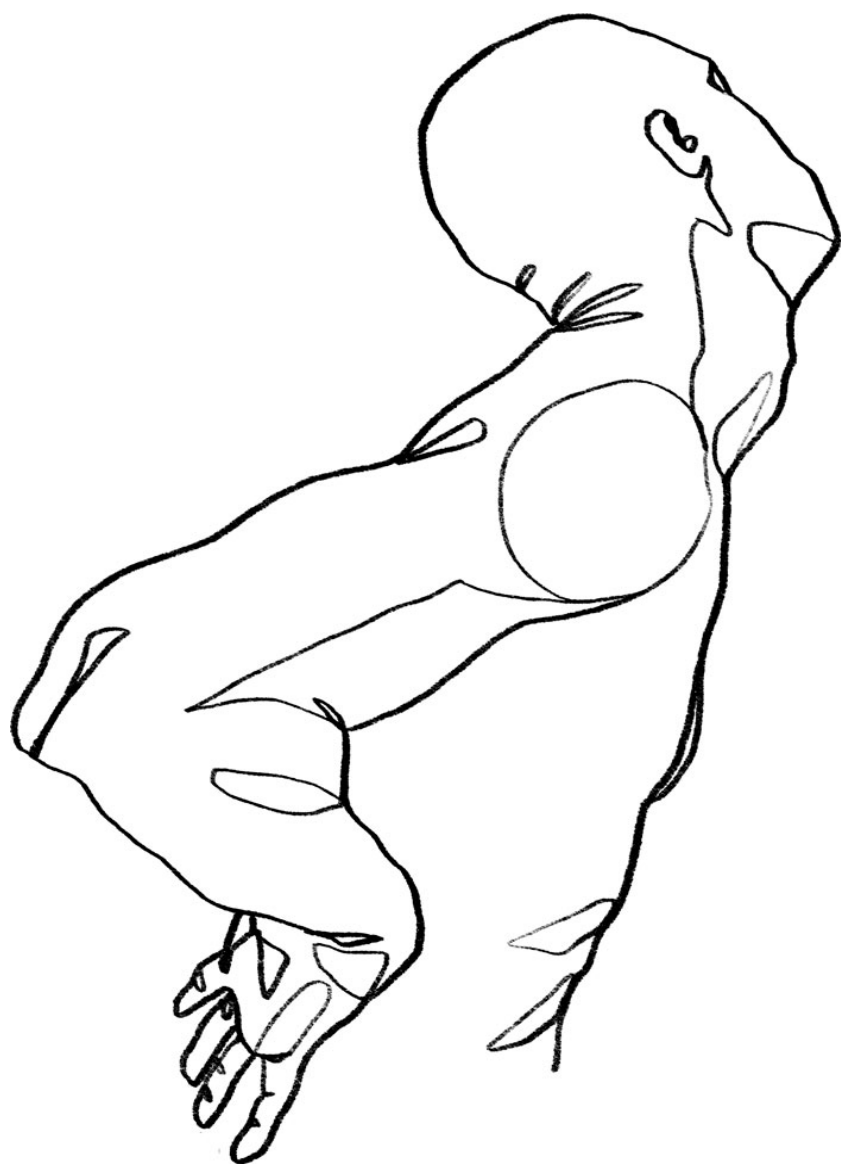
Chá de afeto preto para meninos pretos

Ingredientes:

*500g de afeto
1 xícara de olho no olho
1 visita para reconhecimento de ambiente
1 dose de autoanálise
1 gota de lágrima
Calor humano a gosto*

Modo de preparo:

Junte tudo e entregue ao seu filho por cinco minutos. Conversem. Finalize com um abraço e deixe que o menino veja o quanto você está disponível para o que der e vier. Palavras são necessárias para curar as dores do coração.



agradecimentos

Eu tinha mais de vinte anos quando descobri que podia perdoar meu pai plenamente e por todas as mágoas imprimidas por ele dentro de mim. Ainda me lembro da primeira e única vez que eu disse a ele o quanto o amava. Na verdade, escrevi uma carta e tremi de pavor ao entregá-lo. Durante anos, questioneei sua ausência em minha criação, mas hoje posso entender que, antes de discutir paternidade, é necessário refletir sobre o quanto um homem negro e periférico sofre para chegar com vida aos trinta. Aprendi poucas coisas com o meu pai, mas, dentre elas, está uma muito interessante, que me fez chegar em lugares incríveis: a capacidade de se adaptar a qualquer ambiente e não medir esforços para sonhar com novas ideias. Eu nunca pensei que agradeceria ao meu pai em um livro, mas, velho, chegou a sua vez. Obrigado por me fazer existir. Caso você leia isto algum dia, eu amo o senhor. E, mãe, não fique com ciúmes. Eu te amo mais, haha.

Alguns anos atrás, um amigo chamado Mateus me fez uma pergunta tão poderosa que reverberou em todas as partes da minha história: “O que é ser homem?”. Essa foi a questão que me rendeu um livro, não é mesmo? E, sim, pretendo deixá-la ecoar pelo resto da minha vida.

Na minha trajetória de criança à fase adulta, a resposta para essa pergunta esbarrou nos mais diversos aspectos da minha vida, mas confesso que, em sua grande maioria, a resposta sempre apontava para as seguintes afirmações: “ser homem é o contrário de ser mulher” ou “ser homem é não ser mulher”. Nem sei exatamente a quem responsabilizar por essa formação de pensamento tão errônea. O que talvez caiba aqui é dizer que, hoje, ser homem aos 29 anos de idade é ser livre para ser o ser humano que eu quiser, desde que seja justo, verdadeiro e respeitoso.

Sofro pelo esforço que fiz ao tentar me distanciar do protagonista de meu primeiro livro, Inverno Negro. A ele atribuí características caucasianas, na ingênua tentativa de fazer com que as pessoas não ouvissem minha própria voz narrando aquela história que tanto me expunha. Pobre Völp! Se ontem você tinha medo de parecer vulnerável, hoje, com este livro, vulnerabilidade é tudo o que você é. Agora sua fragilidade brilha a real força da sua masculinidade. Galera, o tempo é um deus.

Escrevi Homens Pretos (Não) Choram em um processo de reconstrução. Minhas histórias, traumas, esperanças, desejos e sonhos foram despedaçados, retalhados em páginas simbólicas, na expectativa de que outros homens

encontrem identificação, reflexão e coragem. Sobretudo, homens negros.

Fantz Fanon, um psiquiatra e filósofo abolicionista, observador da psicopatologia da colonização, escreveu uma prece que dizia o seguinte: “Ó meu corpo, faça sempre de mim um homem que questione”. Foi isso o que fiz e quero continuar fazendo. Recomendo fortemente.

O lançamento de Homens Pretos (Não) Choram me possibilitou estabelecer contato com pessoas em diversos lugares do meu país, e eu gostaria de agradecer a cada um de vocês que tornaram esse sonho possível.

Às mulheres que apoiaram a campanha, toda a minha gratidão. Respeito, admiro e aprendo com a força que exala de vocês. Conto com isso para me tornar um homem melhor.

Aos homens em busca de uma reconstrução baseada numa nova mentalidade, aqui estamos nós. Obrigado por confiarem a mim a chance de produzir algum material capaz de colocar à prova tudo aquilo que nós somos. Também conto com vocês.

E, finalmente, aos homens negros que, como eu, continuam em busca de liberdade, o maior agradecimento que eu poderia fazer. Nossas marcas nos levarão ao mais profundo autoconhecimento e, sem medo de ser quem somos, transformaremos nossa realidade.

Nossas vidas importam.

Obrigado ao autor de nossas vidas.

O futuro é preto.

agradecimentos especiais

Adriely G. de Carvalho

Adryan Chrystian P. Santos de Sousa

Alan da Silva

Alba Regina Andrade

Alessandra Morales

Alessandra Santos Chagas

Alexia Spelta Colombo

Alice Sobral e Sica

Aline Aparecida Matias

Alyne Rosa

Amanda Avelar Pereira

Amanda Bertaglia

Amanda Marinho

Amanda Massuretti

Amanda Melaré

Amilton Baracy

Ana Boneira

Ana Carolina Linares Alencar

Ana Carolina Oliveira Machado

Ana Carolina Ribeiro de Moraes

Ana Cláudia Pereira Lima

Ana Cravid

Ana Cristina Rodrigues

Ana Lucia Braga Maciel Vinagre Filha

Ana Paulada Moreira

Ana Soeiro

Anderson Luciano Negreiros da Silva

Anderson Severiano Gomes

André Alves

André Bortoletto da Costa

André Caniato

Andre Couto

André Gomes Pereira

Andressa Sales

Ane Winter

Angela Zatta

Angélica Janones Silva

Angélica Janones Silva

Ângelo Belletti

Anita Cristina de Jesus

Anna Paula Feliz Teixeira

Antonio Carlos M. M. Filho

Ariane Felipe

Arquias Sófocles
Arthur Pereira dos Santos
Barbara Velloso
Beatriz Galindo Rodrigues
Beatriz Sant Anna Mello Silva
Beliza Coelho
Benaia Amanda de Oliveira
Bia Rezende
Bianca Zardi Camacho
Brenda Oliveira Coutinho
Breno Soares
Bruna Alves Jovem
Bruna Montanari
Bruna Santos
Bruna Souza
Bruna Traversaro
Bruna Wandeley Boucinha
Bruno Pinheiro Ivan
Bruno Santos Luciano da Silva
Caio de Oliveira Marques
Caio Souza Bastos dos Prazeres
Caio Souza da Silva
Camila Nishimoto
Camila Pelegrini
Carlos Alexandre Rodrigues Pereira
Carlos Diogo
Carlos Eduardo Lage Fernandes Miranda
Carlos Feliciano Cardoso
Carlos Henrique
Carlos Henrique F. de Amorim Santos

Carol Oliveira
Carolina Cardoso Ribeiro
Carolina Ramos
Carolina Tavares de Figueredo Lima
Caroline Anice
Caroline C. de Alencar
Caroline Dias Gabani
Caroline Macedo
Cassia Silva
Cesar Lopes Aguiar
Cezar Reis de Oliveira
Charles Agostinho
Cibele Louise Pruner Frahm
Cíntia Conceição Aureliano
Cláudia Cruz Machado
Claudia Missailidis
Claudineia D
Dai Bugatti
Daiana De Souza Andrade
Dango Yoshio
Daniel Prestes da Silva
Daniela Bogoricin
Daniela Lilge
Daniele Lopes de Arruda
Danielle Linhares
Danilo Cabral
Dawton Valentim
Débora Suzan
Débora Bitencourt Borges
Débora Teixeira

Deivid Olivato
Denis de Sousa tosta
Denise Flaibam
Denys Schmitt
Di Toledo
Diana Dall'Ovo
Diane Menezes
Diego Canto Macedo
Diego Henrique Faustino Carriel
Diego Santos Caetano
Dinah R. Dantas Silva
Douglas Silva Souza
E. M. Z. Camargo
Edgar Augusto Krüger de Oliveira
Eduarda Syndre
Eduardo Henrique
Elaine Esteves
Eliana Alves
Eliana Alves
Elias Roma Neto
Eliel Carvalho
Elita Gomes
Elke Santana Souza
Éllen Akemi Cepaluni Luna
Ellias Matheus
Elyas Nascimento da Silva Macedo
Emile Brito
Eric Novello
Érica Aragão Menezes
Érica Imenes

Érika da Silva Souza
Érika Pereira Stocher
Ester da Silva Bastos
Euler Lula da Silva
Evelyn Cardoso
Everton Ferreira
Fábio Elyseu Júnior
Felipe Costa
Felipe Cunha
Felipe Gomes
Felipe Vieira Carvalho
Fernanda Bandeira
Fernanda Nogarotto
Flavia Monte
Frank De Sá
Gabriel Farias Lima
Gabriel Fonseca
Gabriel Guedes Souto
Gabriel Querino Heleno
Gabriel Quintanilha Torres
Gabriel Tavares Florentino
Gabriela Camargo
Gabriela Dallagnolli
Gabriela Matias
Gabriela Nunes
Gabriela Ribeiro
Gabriella de Jesus Moreira
Gautier Lee
George Pedrosa
Gerusa Cabral

Giddeao Gasparini Silverio
Gideoni Salviano da Silva
Gildervan Soares
Giovani Rocha
Giovanna Jambersi
Giovanna Veloso de Albertin
Giulia Motta
Glauco Figueiredo
Gleidistone Silva Gleyson
Gracilene Firmino
Guilherme Ferreira Aniceto
Guilherme Wille Coelho
Gustavo Bicalho Guimaraes
Gustavo Jansen de Souza Santos
Guttho Lekan
Hailanny Souza
Hanna Loureiro
Hanny Saraiva
Heber de Souza
Helden Almeida
Helena Van Gogh
Hellen Akemi Hayashida
Herison Piza
Heslander Gonçalves
Higgor Vioto
Hugo Canuto
Hugo Lopez
Icaro Valentin
Igor Gonçalves
Igor Maia Araújo

Igor Medeiros
Igor Pires
Igor Serrano
Ingrid Ketlen
Isabel Macedo
Isabela de Paula Ribeiro
Isabela Graziano
Ivan Abduch
Ivan Felipe Payerl
Ivan Gonzaga Rabello Brant
Izidio Junior
Jacira de Jesus Lemos Oliveira
Jailton L. Silveira
Jaime Filho
Jamilé Raimundo
Janaina Delboni
Janaina Felix
Janderson Soares Silva
Jandesson Oliveira
Janine Pacheco Souza
Jardel Maximiliano dos Santos
Jayla Fernandes Lima
Jeferson Silva
Jefferson Alcântara
Jeiny July Santos Oliveira
Jéssica Souza
Jessica Juliana
João Antonazzi
João Guilherme Rodrigues Galdino
João Pedro Goulart

João Santos

João Victor Botelho

João Niella

Josafah Ribeiro

José Mailson de Sousa

José Paulo da R. Brito

Josue Ribeiro

Juan Victor Gonçalves

Julia Mel Siqueira Soares

Julia Teixeira Bernardi

Julian Vargas do Amaral

Juliana Rodrigues

Juliana Dias de Lima

Juliana Ferrão

Juliana Sobreira Catalão

Julianna Pimenta

Kaique Luis Santos

Kamila de Oliveira Guimarães

Karina Silva de Oliveira

Karmaleão

Kássio Alexandre Paiva Rosa

Katia Cristina Fagundes Faria

Keturiny Fernandes M. Rezende

Keylla Aguiar

Kleiton Silva Santos

Klenio Antônio Sousa

Lady Sybylla

Lais Pitta Guardia

Lara Daniely Prado

Lariessa Santos

Larissa Batista Melo
Larissa Martins
Larissa Rosa de Oliveira
Larissa Senigali
Larissa Serpentine de Souza
Laura Soler
Leandro Freitas
Lediane C. Souza
Lediane C. Souza
Lee Rezende
Leo Oliveira
Leo Silva
Leo Yu Marins
Leonardo Avelar
Leonardo David
Leonardo Rabelo
Lethycia Dias
Letícia Albuquerque
Liliane Ribeiro de Almeida
Livia Pereira Barbosa Melo
Livia Prado
Livian Pereira Santos
Lorena darlem
Lorena Farias
Lorraine Perillo
Lucas Arruda Araujo
Lucas Campos
Lucas Cardoso Miquelon
Lucas da Anunciação Abreu
Lucas de Souza de Moura

Lucas Ferreira Santos
Lucas Francisco Fogaça
Lucas Melhado
Lucas Miranda
Lucas Moura da Silva
Lucas Tezotto
Luciana Vieira Cobra
Luciano Rodrigues Nascimento
Lucio Pozzobon
Luis Fernando dos Santos
Luis Izu
Luiz Abreu
Luiz Eduardo Alcantara
Luiz Marinho da Silva
Luiz Paulo Souza
Luiz Rezende
Luiz Tiago de Paula
Luiza Barreto
Luiza Barreto
Luiza Salmazo Posi
Luma Chrystello
Maíra Oliveira
Marcela Ribeiro
Marcelo Maciel
Marco Aurélio da Conceição Correa
Marcos Alexandre
Maria Clara Nunes
Maria Luiza Cavalcanti
Mariana Bortolotti Capobiango
Mariana Corrêa de Oliveira Carlou

Mariana Corrêa de Oliveira Carlou

Mariana Corrêa Pereira

Mariana Costa

Mariana Dutra Della Justina

Mariana Lima Ferreira Santana

Mariana Magrini

Mariana Mendes Lopes

Mariana Pairé Rosa

Mariana Pereira Barbosa

Mariana Rocha

Mariana Veil

Marilene Costa de Moraes

Marina Avila

Marina Gabriela de Oliveira

Marina S. L. B. de Castro

Marisa Kerchner DA Silva

Martha Gevaerd

Marton Olympio

Marwyn Souza

Mary Judith de Paula

Mateus de Araújo Glaciliano

Mateus Eduardo Roza Pereira

Mateus Mattos

Mateus Mendonça

Mateus Pasinatto Scopel

Matheus Goulart

Matheus Hartmann de Lemos

Matheus Maciel

Matheus Rodrigues Niemeyer

Mayara Mota Tashiro

Mayra Brandão Bandeira
Melina Souza
Melissa Manhães
Merelayne Regina
Mia GB
Michael Gomes da Silva
Miguel Cela
Miller Souza Oliveira
Mirella Rodrigues Pereira
Mirian Lima de Souza
Misael Mendes
Moara Abbayomi
Mohara M. Villaça
Moises Henrique Longo Oliveira
Mônica Júnica Guimarães
Murillo Mazzo
Nádia Prado
Narryman Züge
Natalia Carvalho Silva
Natalia Rocha
Natanael Silva
Nathalia Borges dos Passos
Nathalia de Lima Santa Rosa
Nathalia de Lima Santa Rosa
Nathália Novikovas
Nicolas Abreu Silva
Nina Albuquerque
Nycolle Antonio
Pablo de Moura N. de Oliveira
Pablo Roxo

Pablo Teixeira
Pagu Carol Barros
Pamela Almeida
Pamela Lycario Alonso Gomes
Pamela Raiol Rodrigues
Pamella Bezerra Guedes
Patrícia Ferreira da Silva
Patrícia Ferreira Magalhães Alves
Patricia Iasmim Chaves Travassos
Paulo duSanctus
Paulo Nonato
Paulo Oliveira
Paulo Pholux
Paulo Ricardo
Paulo Sergio
Pedro Felicio Silva de Cerqueira
Pedro Figueiredo
Pedro Henrique Ferreira Lobão
Pedro Henrique Piras
Pedro Ivo
Pedro Rigueti
Polyana Noll D. Ferreira
Queisse Ximene
Rafa Assunção
Rafael Campos de Souza Lima
Rafael Cruz
Rafael da Silva Pinto
Rafael M Sens
Rafael Rios Ribeiro
Rafael Weiblen

Rafaela de Paula
Rafaela Maria de Oliveira
Raísa Gondim Viegas
Raissa Gabrielle da C. Andrade
Raissa, Raiane e Graciano
Raphael Erichsen
Raphaelle Cristina Silva
Raquel Sant'Anna
Raquel Soares do Amaral
Rayane dos Anjos Samico
Rayza Gomes
Rebeca Pires
Rebecca Nunes Jacinto de Araújo
Renan Bussi Machado
Renata Brito
Renata Cybelle
Renata Gaui
Renata Miguel Chami Rollemberg
Renata Veiga
Ricardo Melchiades
Rick Trindade
Rita de Cássia S. de Lima Silva
Roberta Prevedello
Roberto Rodrigues Costa
Robson Muniz de Souza
Rodrigo Bobrowski
Rodrigo Fernandes Nogueira
Rodrigo Machado
Rodrigo Manaus
Rodrigo Pereira Alves

Roger S.

Rogério Duarte Nogueira Filho

Ronan Lima

Rosângela Ferreira da Costa

Rosilene Imaculada de Souza

Rubens de Souza

Samara Santos Simas

Sandra Menezes

Sebastián Castro

Séfora Oliveira

Silvia Calheiros Strass

Silvia dos Santos Pereira

Simone Cruz dos Santos Mota

Simone Saty Sampe

Sophia Carregal

Stefany Palma Portugal

Stella Marys Braga Roque

Stephany de Alvarenga Cardozo

Suzana Maria Moreira M de Novais

Tainá Cristina

Tainá Sousa Santos

Taissa Reis

Talles Magalhães

Tarik Silva

Tayna Junia

Thais

Thais Botrel Reis

Thaís Miranda Cesar

Thais Rosa

Thaissa Azeredo

Thamiris Cardoso

Thamyres Macena

Thiago Alvs

Thiago Carvalho

Thiago de Macedo Bartoleti

Thiago Lino

Thomás Vieira

Thomaz Geronimo Do Nascimento

Tuca

Valdir Davi

Valéria Aparecida Dias Vilela

Valquíria Vlad

Valter Roza

Vandir Ferreira Monteiro Neto

Vanessa Eusebio Santos

Vanessa Reis

Vasti Gomes Alves

Victor JC

Victor Toscano

Victória D'Aurélío

Vinícius Sáez

Vitor Lopes Leite

Vitor Rocco Torrez

Vitória Fonseca

Vitória França de Almeida

Wellington Soares

Wellington Pugirá

Wenceslau Teodoro Coral

Wesley Rosa

Willian Meira

Yan Peruzzo de Castro

Yan Rafael Gillet

Yasmin Jardim Moreira

Yasmin Wilke

Yudi Ishikawa

Yuri Sampaio

Zé Alan